Ú

REVISTA ÚNICA DO UNIBH

EDIÇÃO 04

diálogos

diálogos com o corpo

diálogos com a cultura

diálogo nas coisas não ditas

Diálogos para o ensino

Ensinar é, muitas vezes, agir pelo diálogo. Sabemos disso desde a Grécia antiga, quando o exercício da filosofia e seu aprendizado eram explicitamente calcados nas conversas. Mais do que uma forma, o método socrático consistia em um modo de vida, de ser e estar no mundo, que propunha o confronto das ideias – ou o encontro de argumentos – para construir o conhecimento. De certo modo, esse processo nunca se afastou das salas de aula na interpelação do docente aos alunos ou nas discussões propostas.

TEXTO Rafael Ciccarini ILUSTRAÇÃO Ágatha Kretli

Porém, na contemporaneidade, o diálogo precisa ir além, já que se mostra uma habilidade central no desenvolvimento profissional, pessoal e social. Dialogar, hoje, não pode se restringir a um (difícil e complexo) exercício de construção de conhecimento e ensino. Talvez esse seja o gesto humano mais importante nesses dias incertos e turbulentos. Afinal, é através das conversas que exercemos empatia, compaixão, solidariedade, discernimento, e passamos a reconhecer o outro, o diferente, como um igual.

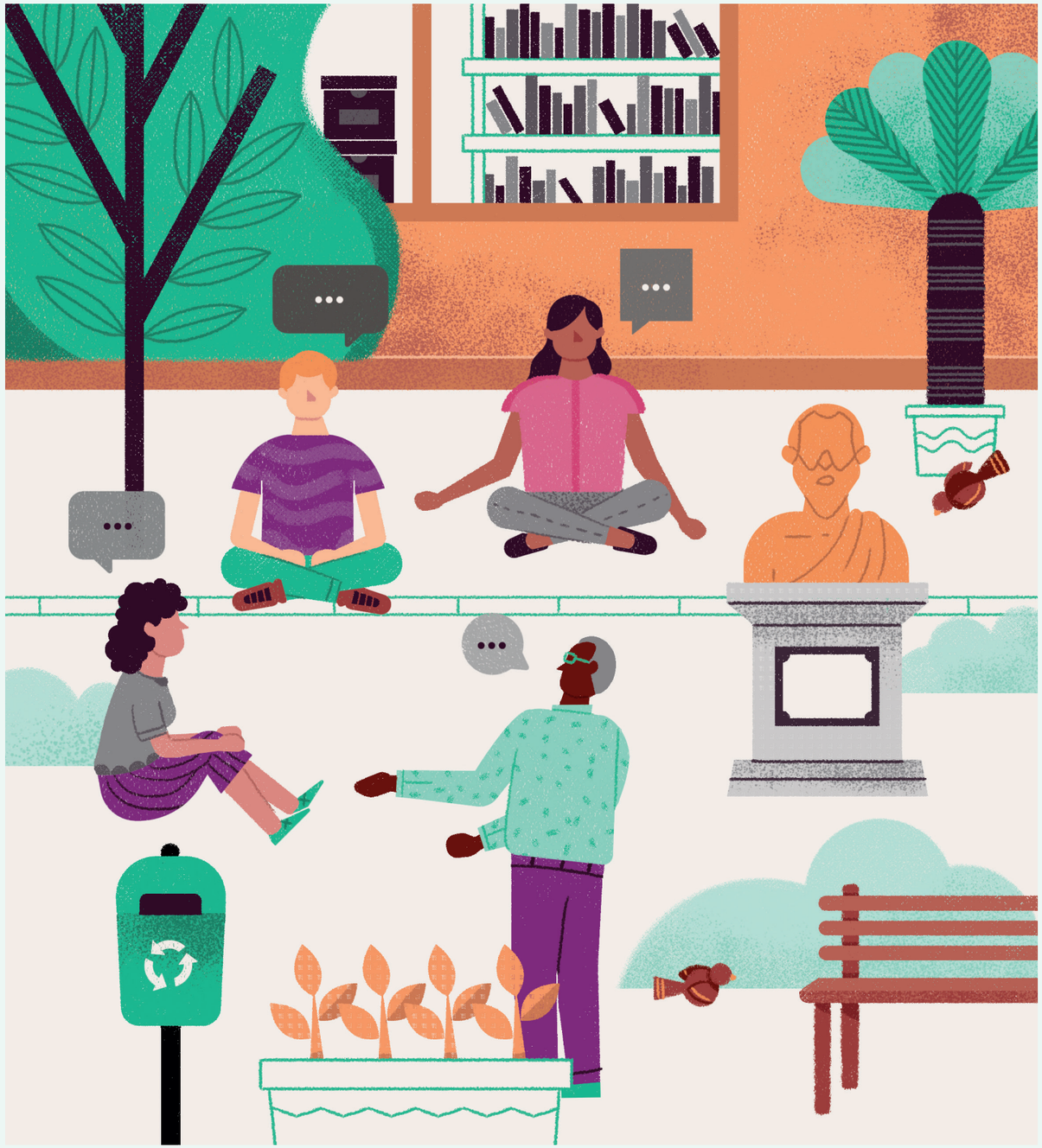
Se começamos a produção (ou a leitura) da atual edição da revista Única reconhecendo a permanência das premissas do diálogo socrático, notamos, rapidamente, a riqueza como esse modo de agir entremeia uma instituição de ensino e é parte essencial de nossa formação humana. Assim, abrimos essa edição com a entrevista de Claudio de Moura Castro – um dos maiores pensadores da educação –, membro do conselho consultivo do UniBH, que reforça a ideia do órgão como lugar de embate, desconforto, onde se possa decidir os rumos estratégicos da instituição. Nada mais socrático. Depois, vemos, em uma reportagem sobre o Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Inclusão (NAPI), como o afeto é essencial e faz par-

te do diálogo, ou seja, é preciso escutar e reconhecer o outro para poder conversar.

A comunidade se torna também um interlocutor potente, e constante, da instituição. Um modo de diálogo que se quer transformador e emerge em projetos como o Hospital Veterinário, a clínica de atendimento psicológico ou o projeto da artista plástica Isabela Prado, que resgata a memória dos rios soterrados de Belo Horizonte e é apoiado pelo UniBH, através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Os diálogos não acontecem apenas na escrita ou na oralidade. Eles também vêm pelas imagens: por isso, propusemos, ao experiente fotojornalista Rodney Costa, um ensaio visual sobre os diálogos da pandemia. Por último, vemos, na bela crônica de Beatriz Fernandez, discente do curso de Jornalismo, como o olhar delicado e empático do professor pode influenciar um aluno, a partir do mais singelo dos elogios.

Nosso percurso nesta edição nos mostra, portanto, que o diálogo ocorre entre o racional e o subjetivo, entre a comunicação e os afetos, entre os indivíduos e os grupos sociais. Convidamos todas e todos a entrar numa intensa conversa com esta edição. Que ela reflita os espaços de diálogo que permeiam seu cotidiano e sua vida. E, se precisar de novos lugares, saibam que o UniBH está à espera dessa prosa.

EDITORIAL



REVISTA ÚNICA DO UNIBH
EDIÇÃO 04

A revista Única é uma publicação da Diretoria de Marketing e Comunicação do UniBH.

Avenida Professor Mário Werneck, 1.685 - BH, MG

www.unibh.br

DIRETORA
Marina Guedes Marques

LÍDER DE COMUNICAÇÃO
Bárbara Faria dos Reis

JORNALISTA
Frederico Müller - MG 1716

JORNALISTA RESPONSÁVEL
João Carvalho - MG 12025

EDITORES
Leo Cunha
Maurício Guilherme Silva Jr.

REPORTAGEM
Lorena Tárcia
Lucas Alvarenga
William Araújo

FOTOGRAFIA
Rodney Costa

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
NEW CONNECTION

ILUSTRAÇÕES
Ágatha Kretli

REVISÃO
Léa Santiago

IMPRESSÃO
Gráfica Formato

TIRAGEM
6.000 exemplares

unibh

Ano II – nº 4
Março 2022
Publicação semestral
—
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Página 32
Diálogos internacionais: conexões ampliadas

08 ENTREVISTA
Claudio de Moura Castro

16 DIÁLOGO PELA INCLUSÃO
Onde o afeto acolhe o aprender

20 DIÁLOGOS COM O CORPO
Corpo, sou todo ouvidos!

26 DEPOIMENTOS
Que diálogos o UniBH te proporciona?

28 DIÁLOGOS PARA A DIVERSIDADE
A vida não para

38 DICAS DE LIVROS
Livros sobre diálogo

40 DIÁLOGOS COMUNITÁRIOS
A comunidade que se transforma em lar

44 ESPECIAL DIÁLOGO PELA FORMAÇÃO
Unidades Curriculares: ruptura com a tradição

52 DIÁLOGOS EM FOTOGRAFIA
Diálogos em tempos de pandemia

56 DIÁLOGOS COM A CULTURA
Tudo (e todos) pela arte

62 DICAS DE FILMES
Filmes sobre diálogo

64 DIÁLOGOS COM O FUTURO
Cursos do UniBH

72 ARTIGO
Diálogos das marcas

74 ARTIGO
Diálogo como elemento da aprendizagem: estamos preparados?

76 CRÔNICA
Diálogo nas coisas não ditas

NAVEGUE PELA REVISTA

VOLTAR AO SUMÁRIO

Provocador de diálogos

Provocar e desafiar parecem ser atitudes naturais a Claudio de Moura Castro. Contudo, antes de ser algo inato, isso vem de sua formação e sua trajetória. Formado em Economia pela UFMG, com mestrado em Yale e doutorado em Vanderbilt, ele foi professor das universidades de Bolonha e Chicago, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), diretor-geral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), além de economista sênior do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento

TEXTO João Carvalho FOTOS Rodney Costa

ENTREVISTA
CLAUDIO DE MOURA CASTRO

Todas essas experiências garantem a Castro uma percepção transdisciplinar e transnacional sobre a educação – mas foram os diálogos com "os mestres marceneiros", os professores e colegas da Economia, da pós-graduação e dos diversos companheiros de trabalho, em inúmeros países, que lhe ajudaram a moldar a personalidade provocadora e aberta ao debate de ideias. Crítico do momento polarizado que vivemos, o professor e economista está sempre disposto a conversar, desde que com argumentos e, se possível, dados e fatos.

Para ter um diálogo capaz de construir conhecimento é preciso de pessoas inteligentes, experientes e ágeis, que queiram e consigam nos desafiar. Assim, somos provocados a melhorar nossos argumentos, raciocínio e ações. É dessa forma, segundo Castro, que deve atuar o Conselho Consultivo do UniBH, instituído em agosto de 2021, como espaço de discordâncias, provocações, desconforto e de conhecimento. O órgão é composto, ainda, pelo arquiteto Gustavo Penna, pelo designer Gustavo Greco e pela produtora cultural Eleonora Santa Rosa e terá como missão ajudar a instituição a traçar novas estratégias, espaços de parcerias e diálogos com a cidade e a sociedade. Para o economista e professor, um bom Conselho – mesmo que inclua diálogos erráticos, fragmentados e ásperos – tira da zona de conforto a administração da escola e os próprios conselheiros, para que todos saiam com a sensação de "ter aprendido alguma coisa".

Conversar com Claudio de Moura Castro é ser conduzido por esses caminhos difíceis, dos pontos de vista polêmicos, das frases curtas, diretas e incômodas, mas com toda a suavidade de uma boa prosa mineira, levada por um mestre da "carpintaria do conhecimento", que não tem medo de compartilhar suas experiências e memórias em nome de um bom debate.

ENTREVISTA
CLAUDIO DE MOURA CASTRO

Somos formados e perpassados por pessoas e experiências. Aprendemos não apenas com os livros, mas, também, com conversas e trocas. Que diálogos influenciaram sua formação? Minha vida é um permanente diálogo, um zigue-zague constante. Com cinco anos de idade, eu me apaixonei por ferramentas, por bater, serrar, parafusar. Depois disso, ao me mudar para Itabirito (MG), morei dentro da Usina Esperança, na área industrial. Ali, aprendi marcenaria com gurus que eram velhos oficiais, hipercompetentes e criativos. Minha embocadura era, então, para a Engenharia, mas chegou a hora em que disse: "Gosto de Mecânica e não de Engenharia Mecânica". E, para poder trabalhar na Usina, fui fazer Administração, que era junto ao curso de Economia. Nos diálogos entre os dois cursos, achei Economia uma aventura intelectual maior. Naquele momento, na faculdade, em fins da década de 1960, havia grande ebulição ideológica, de vários tons de cinza, de comunistas, de neocapitalistas. Todas as nuances. Lá, o diálogo era extremamente fértil. Depois, fui fazer Economia com Mário Henrique Simonsen, no Rio de Janeiro. Pouco depois, ganhei uma bolsa para Yale, onde estudei com Amartya Sen, vencedor do prêmio Nobel. Com ele, descobri que era possível estudar educação com o método econômico. Fiz, então, minha tese sobre economia da educação.

Qual é a contribuição da Economia para a Educação? Como as áreas dialogam? O rigor do pensamento econômico. Para mim, o que conta é o rigor do raciocínio econômico, em contraposição ao raciocínio das Ciências Sociais, que tendem a ser mais moles, mais flexíveis. O que trago da econômica é rigor, mas não sobre a dimensão econômica.

Trata-se de trabalhar a partir de dados, como aqueles do Ideb, do Enade ou do Enem? Há alguns anos, as respostas eram teóricas. Agora, são práticas, pois temos medidas de resultado. No fundo, estamos falando o quê? Aquilo que Aristóteles dizia: há um limite do que se pode responder com os números, e um limite do que se pode dizer sem eles. No caso da pesquisa educativa, hoje, ela pode ter números. Porque você diz: "custou tanto, resultou em tanto". Você fez isso, e o aluno aprendeu mais ou aprendeu menos. Sempre haverá uma variável independente, dura. Então, multiplicaram-se as pesquisas dizendo "isso aqui não dá certo; isso aqui dá certo". Temos um repertório enorme de coisas interessantes que se pode fazer, apoiado em teoria minimamente competente. A discussão do método global contra o método fônico é muito simples: onde estão os *papers* com o antes e o depois? Eles estão dizendo que o que funciona é o fônico! Como pode haver mais discussão? Ela existe se, dentro do fônico, você começa com garrancho e acaba com o som, ou se começa do som e acaba no garrancho. Mas, entre o fônico e o global, não existe esse problema, do ponto de vista da teoria e da verificação.

Há dificuldade de trabalhar o ensino para novas gerações, que já nasceram no digital e das quais se afirma que são desinteressadas e têm dificuldade de concentração. Como lidar com a diferença entre as gerações? A gente diz: "Minha geração era muito mais intelectualizada". É! Porque só tinha o andar de cima! Tenho a impressão – não tenho números – que, se considerarmos esse décimo do topo entre as gerações, a atual lê muito mais. Estamos falando de um número dez vezes maior, que não estava no radar à época. Essa parcela da população de quem se fala que não lê muito, que fica no celular e é desinteressada, não estava no ensino superior à minha época. As pessoas estão comprando mais livros bons. Hoje, você tem facilidades, com os tablets e os kindles, nos quais as pessoas podem ler mais. Digo isso em relação ao padrão brasileiro, que é muito baixo. Uma das coisas que mais me impressionou nos últimos anos foi quando estava em um voo doméstico, na Noruega, e havia enorme quantidade de passageiros lendo livros. Uma proporção muito maior do que no Brasil. Ainda somos um país de gente que não lê, mas, antes, líamos ainda menos.

Que diagnóstico o senhor faz do ensino superior no Brasil? Hoje, ele é amplo e muito mais democratizado, no sentido de ser fácil entrar e pagar pouco, com nichos de qualidade. Não creio, porém, que seja mais frágil do que antes. Pelo contrário, essa moçada aí, se eu bobear, me ultrapassa.

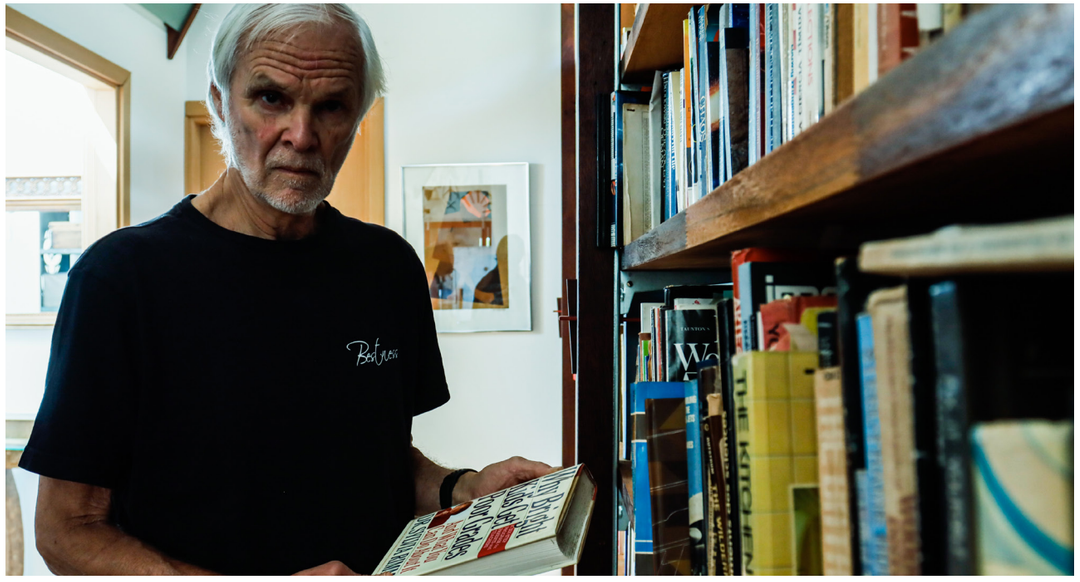
Não existe um descompasso qualitativo em relação ao resto do mundo? Há duas maneiras de você ver a questão, e as duas se complementam, mas também se confrontam, e não é fácil de equacioná-la. Pega o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que começou em 30 países e, hoje, está com 60. O Brasil não está pior que o 50º. Quando começou com 30, ele estava entre os dois piores. Agora, entrou um monte de países, e o Brasil é pior do que eles. Deste ponto de vista, o país é um desastre. Mas vamos ler o que é o Pisa: os países que fazem o exame são os melhores. Então, quando você diz que o Brasil é o 50º, pode dizer, praticamente, que, se são 200 países no mundo, ele está na fronteira do quartil superior. Isso, supondo que todos os que não fizeram o Pisa sejam piores, o que não é verdade em todos os casos, como Cuba. A maioria que não faz [o exame], porém, é pior.

Outra maneira de ver isso: pela heterogeneidade brasileira e para nosso nível de renda per capita, como estamos? Na média. O problema é que não queremos ser média. Nossa ambição é crescer, mas, se olharmos a linha de desempenho por renda, estamos próximos da linha mediana. O problema é que você junta Acre, Amapá, Maranhão e Alagoas com São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Isso tira um pouco do sentido dessa análise.

E qual o futuro das universidades e do ensino superior? Teremos uma variedade cada vez maior e, no topo, instituições que mudam pouco, porque o que elas trazem é o personalizado. É algo muito customizado, para alunos fortes. A teia humana e essa interação entre alunos e professores são para sempre, mas isso não quer dizer que será para a maioria. A ideia que acho mais plausível é que haja dois anos de cultura geral e, depois, educação *just in time*. Esse é o modelo norte-americano e europeu. Nos Estados Unidos, há pessoas com doutorado em literatura que vão para os Community Colleges fazer informática. É o profissional. A tendência é que, para a maioria das pessoas, haja o núcleo duro, em você terá que ler Shakespeare e lidar com as humanidades. Acabei de desenhar um curso para diretores de empresas, no qual há disciplinas de literatura, música clássica e pintura. Tem-se cultura geral, e a pessoa se profissionaliza ou reprofissionaliza. A razão de você conseguir se readequar são os dois anos de cultura geral, que te ensinaram a pensar.

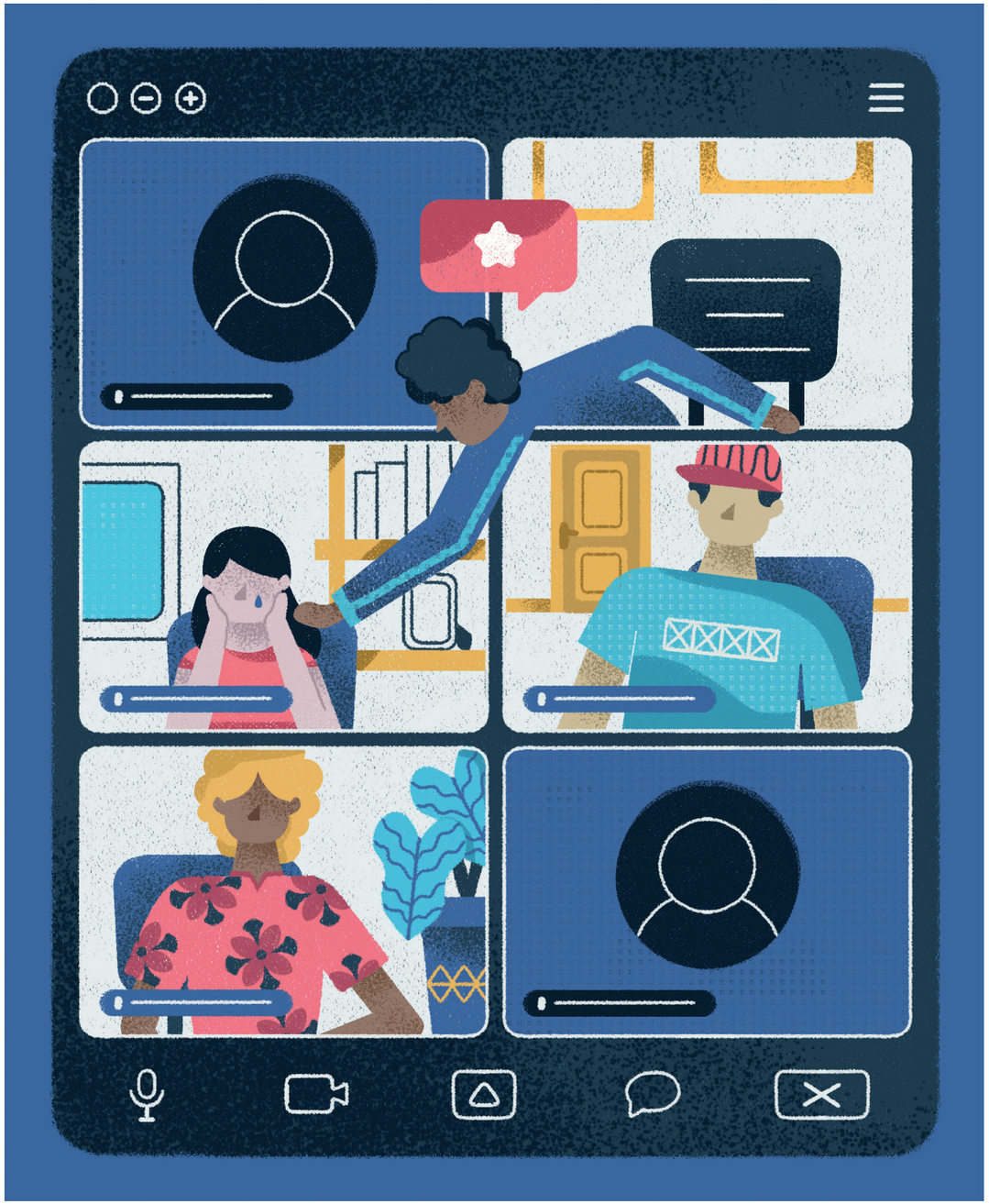
A estrutura burocrática do Ministério da Educação no Brasil permite isso? Não permite. Nisso, ainda estamos longe. Há áreas que levam muito tempo a aprender. Demora para que você se torne engenheiro civil, mecânico ou profissional da informática. Para outras ocupações, você faz *just in time.* Quer dizer, o autoaprendizado deve se tornar cada vez mais vigente, mas ele exige boa base. Hoje, aprendo muito mais rápido do que quando entrei na faculdade. Por quê? Porque acumulei um repertório que me permite rearrumar as pedras e ir por um caminho. Quando resolvo estudar Antropologia, Psicologia, Teoria Cognitiva, não tenho dificuldade. Você entende porque tem repertório. A meu ver, o futuro da universidade é um núcleo pequeno, hiperelitizado – seja do ponto de vista dos alunos, seja dos professores –, com uma cauda longa, que tem um núcleo duro, e uma profissionalização de tamanho variado.

Qual o impacto da pandemia no ensino superior? Ela transformou o modo de ensinar? Por duas razões, vejo o potencial transformador da pandemia. As duas são bem independentes. A primeira é que, em teoria das organizações, há o conceito de *defreezing*, ou seja, em condições normais, as instituições desenvolvem defesas contra ameaças internas ou externas. Na prática, isso quer dizer que elas têm mecanismos para não mudar, para o bem ou para o mal. Em uma situação de normalidade, é muito difícil mudar uma instituição. O *defreezing*, a metáfora, é que aquilo que era duro como uma pedra de gelo, quando degela, fica novamente líquido, plástico. Então, você consegue mudar. A pancada da pandemia é um *defreezing*: ela sacudiu as instituições. Coisas que seriam impensáveis estão acontecendo. Os geniais vendedores de informática do ensino passaram 50 anos – não estou brincando! – e não conseguiram pôr o computador dentro da sala de aula. O vírus, em duas semanas, pôs os mais teimosos atrás das telas.



O segundo ponto, que nunca vi ninguém falar, mas falo muito, é que o ensino a distância, que tem mais de cem anos, empata no Enade. Como é que pode? O que fizemos, agora, não é ensino a distância, mas um ensino remoto emergencial. Uma característica desse remoto emergencial é que ele amplifica os problemas do presencial. A aula chata fica mais chata. Há ausência de exercícios interessantes e excesso de falação. Quando João Batista de Oliveira, Joaquim Falcão e eu concebemos o Telecurso 2000, nos disseram que o vídeo deveria ter no máximo 15 minutos, e os outros 45 seriam com o professor discutindo as questões e resolvendo problemas. Esse era o verdadeiro EAD. O ensino remoto, como está sendo feito, leva para o remoto a lógica de 90% de exposição, e não há quem aguente. O remoto é uma caricatura do presencial.

Ao pensar nas instituições de ensino superior como espaços de diálogo com a comunidade, os alunos, os professores e a sociedade, qual o papel do Conselho Consultivo do UniBH? Ele é uma caixa de ressonância, com um grupo de pessoas dizendo o que vem à cabeça. E precisa ser assim. Por quê? Um de seus papéis é tirar a universidade da zona de conforto. O conselho deve ser o superego, a consciência crítica. Que ele seja insurgente, com revolucionários que discutem e questionam o que encontram. É disso que a administração precisa. Por isso, o Conselho é de gente independente. Depois de um certo tempo, você até desenvolve empatia com a instituição e tenta ser mais proativo, mas não pode deixar de ser crítico. Deve haver diálogo, debate, desafios de um conselheiro com o outro e com a administração. O Conselho é um evento altamente intelectual e volátil. Ele não tem ata, nem decisão, e, sim, um registro dos caminhos da discussão. Isso é o que mais ajuda a instituição.



VOLTAR AO SUMÁRIO

Onde o afeto acolhe o aprender

Por um ambiente mais inclusivo, UniBH adota espaços para expressão dos alunos e incentiva a empatia em sala de aula

TEXTO Lucas Alvarenga ILUSTRAÇÃO Ágatha Kretli

AF olha para a tela vazia como quem procura companhia para aprender. Liga o áudio, aciona a câmera e aguarda o início da aula. São 18h45 de uma terça-feira: o silêncio toma conta de sua casa; a ansiedade lhe sufoca por dentro. Na sala de aula remota, surgem alguns rostos e avatares com as iniciais de seus colegas. "Como estará RO, enlutada pela Covid-19? JN conseguirá se expressar em público? Será BT egresso de outra faculdade?", pergunta-se.

Encobertas por siglas, as personagens reais refletem as dificuldades em estabelecer uma rotina de estudos durante a pandemia. Pesquisa da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), divulgada em outubro do ano passado, revelou que 67% dos alunos do país se queixaram da adaptação às atividades remotas. Entretanto, há quem exercite a amorosidade como forma de inclusão, assim como defendia Paulo Freire.

Com mensagens, poesias e músicas inspiradoras, Tatiana Quites, pedagoga e professora das Licenciaturas do UniBH, transforma o início das suas aulas on-line em momentos de acolhida. "O afeto acontece quando tenho empatia pelo outro. Cada um carrega consigo suas histórias, problemas e angústias, que

Os diálogos não acontecem apenas na escrita ou na oralidade. Eles também vêm pelas imagens

são potencializadas pela distância. Cabe a nós criar um ambiente propício para a escuta ativa e o diálogo em favor da integração do aluno."

Sob a coordenação do Laboratório Multidisciplinar de Educação, Tatiana promove, às quintas-feiras, de 17h50 às 18h50, os webinários do projeto "De frente com os amigos do laboratório". A iniciativa, que emergiu após um pedido dos alunos, amplificou o debate sobre a organização dos estudos na pandemia, a educação étnico-racial e os cuidados com a saúde mental. "Com o projeto, eles aprenderam como a respiração pode ajudar o controle da ansiedade", conta.

INCLUIR PARA PARTILHAR

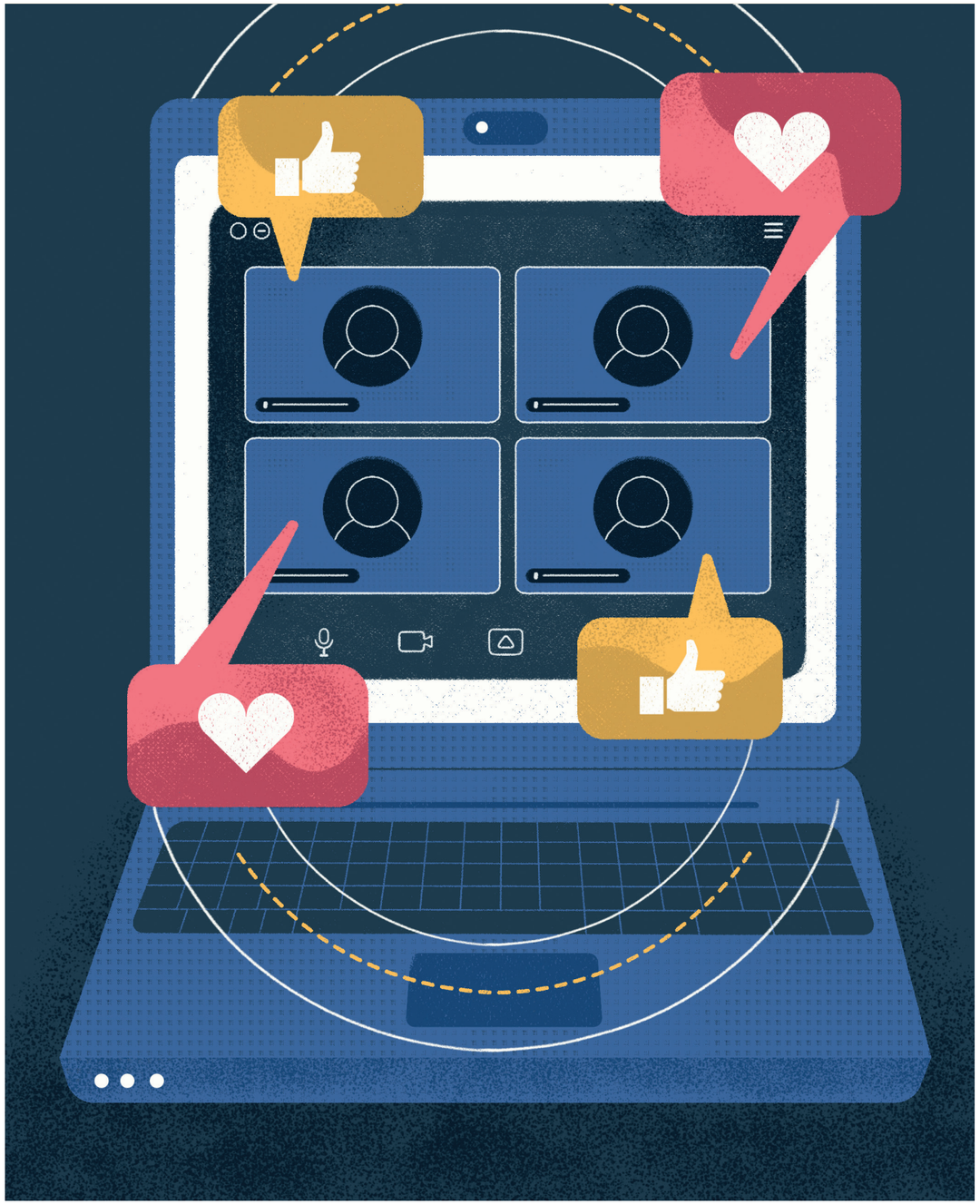
A rede de acolhimento do UniBH não se esgota nas salas de aula e nos laboratórios. Psicólogas formadas na instituição, Isabella D'Ávila e Nayane Oliveira integram a equipe multidisciplinar do Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Inclusão (NAPI). O grupo promove ações de inclusão, diversidade, aprendizagem, acessibilidade e saúde mental a partir da subjetividade do aluno. "A distância física não deve ser uma distância afetiva", acredita Isabella, líder do NAPI.

O reconhecimento da diversidade mobiliza o trabalho do núcleo, que defende a valorização das diferenças como forma de transformar o potencial acadêmico. Assim como Isabella, Nayane acredita na construção de um ambiente mais inclusivo. "O NAPI abre espaço para que o aluno possa expressar suas dificuldades, medos e expectativas sobre o setor e a instituição", detalha a assistente de supervisão do Núcleo.

Com a pandemia, o acolhimento presencial do NAPI deu lugar aos eventos e oficinas on-line do projeto "Tecendo saberes". Nesses encontros, JN começou a reescrever a própria história, marcada pelo *bullying* sofrido na escola, por causa de sua língua presa. Citado no início do texto, JN é Jenner Nunes, aluno do 8º período de Medicina Veterinária. Com apoio do NAPI, ele tem superado seu trauma de falar em público, motivo de um ataque de pânico em 2019.

"Tive que apresentar um trabalho para duas turmas. Fiquei muito nervoso! Recordei daqueles que zombaram de mim, comecei a chorar na frente de todos e entrei em pânico", lembra-se. Após um hiato, Jenner voltou a frequentar as reuniões do NAPI em janeiro deste ano, com apoio de uma amiga e do professor de Imunologia, Bruno Antunes. "Desde meu retorno às oficinas, já consigo me abrir e falar palavras difíceis. Vejo que me tornei outra pessoa."

Com afeto e acolhimento, muitas histórias têm sido ressignificadas pela educação. Afinal, como diz o filósofo Mario Sergio Cortella: "educar é ceder a luz de sua vela para iluminar a vela do outro. Todos ganham, e a luz se faz presente no ambiente".



A médica e professora Ana Cristina Albricker: além de ouvir, é preciso exercitar os outros sentidos

VOLTAR AO SUMÁRIO

Corpo, sou todo ouvidos!

No UniBH, profissionais da saúde aprendem a valorizar o diálogo como ferramenta essencial ao ofício

TEXTO Leo Cunha e Maurício Guilherme Silva Jr. FOTOS Rodney Costa

O corpo fala. Nos anos 1980, tal era o título do famoso livro do psicólogo e educador francês Pierre Weil, criador da expressão capaz de, até hoje, proporcionar informações valiosíssimas aos profissionais da saúde. Afinal, o modo como o paciente entra no consultório ou no ambulatório já indica muito para quem vai atendê-lo. Para professores e alunos dos cursos da área de saúde do UniBH, diálogos são, realmente, elementos preciosos no dia a dia da profissão, a ponto de suscitarem, em sala de aula, o debate em torno de uma série de práticas e princípios.

"Ouvir o corpo é também ouvir almas e sentir pessoas", garante Ana Cristina Albricker, médica, mestre e professora assistente do curso de Medicina do UniBH, para quem seria possível ir aos livros e estudar se o ofício se restringisse a dar diagnósticos. "Perceber o padecer da pessoa é o que mais importa para nós", completa. Isso implica não apenas exercitar o ouvir, mas todos os sentidos.

Na disciplina de Semiologia Médica, por exemplo, ao ensinar a anamnese – ou seja, o momento de fazer o primeiro exame físico do paciente e de colher sua história clínica –, é importante não apenas manter os ouvidos atentos, mas, também, usar o tato, ter a visão bem aberta e, até mesmo, o olfato. "A gente percebe certas

doenças por conta de algum odor. O médico tem que estar inteiro naquele momento", destaca Albricker.

A própria disposição da pessoa, ao entrar no consultório, é fator fundamental à anamnese. Como está o paciente: cabeça baixa, sorridente, apressado ou inibido? A resposta a tais questões pode ser essencial ao diagnóstico. Outra coisa: o primeiro contato visual é, também, um bom momento para que o profissional da saúde consiga descontração e estabeleça laços de confiança. Receber à porta é mais simpático do que gritar "O próximo!", pois cria um clima mais afável.

O CORPO INFORMA

A leitura corporal é mais importante do que pedir uma bateria imensa de exames. Se o médico se apoia, de modo exagerado, nos dados técnicos, pode deixar de prestar atenção em sinais que aparecem na leitura do corpo. "O que vai diferenciar um médico do outro não é a tecnologia ou a aparelhagem, mas o lado humano, o diálogo e a relação que ele estabelece com o paciente", garante Ana Albricker.

Do ponto de vista das pessoas que buscam os profissionais de saúde, é importante ressaltar que cada indivíduo estabelece diálogos com o próprio corpo, e, portanto, precisa também ouvi-lo, mesmo sem a presença dos especialistas. Os médicos, aliás, podem e devem orientar os pacientes a prestar atenção em certos sinais. "Quando há troca de medicamentos ou de dosagens, por exemplo, o profissional orienta a pessoa a ficar atenta a sintomas e efeitos colaterais", explica.

Cabe ao médico, também, mostrar que o diálogo com o corpo pode auxiliar na prevenção de doenças. "Podemos dizer algo como: para evitar determinado problema, ou para melhorar os sintomas, você precisa agir de tal forma, respeitar e escutar o seu próprio organismo", conclui Ana.

Sob a lógica da Psicologia, há, na atualidade, grande valorização do corpo. "Ao mesmo tempo, temos uma contradição: por mais que o valorizem, as pessoas não cuidam tão bem de seus corpos", ressalta a psicóloga e psicanalista Paula Birchal, ao lembrar, ainda, que, apesar da longevidade garantida pela pós-modernidade, pelas condições sociais, pela Medicina e pela saúde ampla, é muito maior o cuidado externo com o corpo, e não interno – ligado à qualidade deste corpo, de como ele está: "A ideia de cuidado, neste sentido, torna-se obsessão".

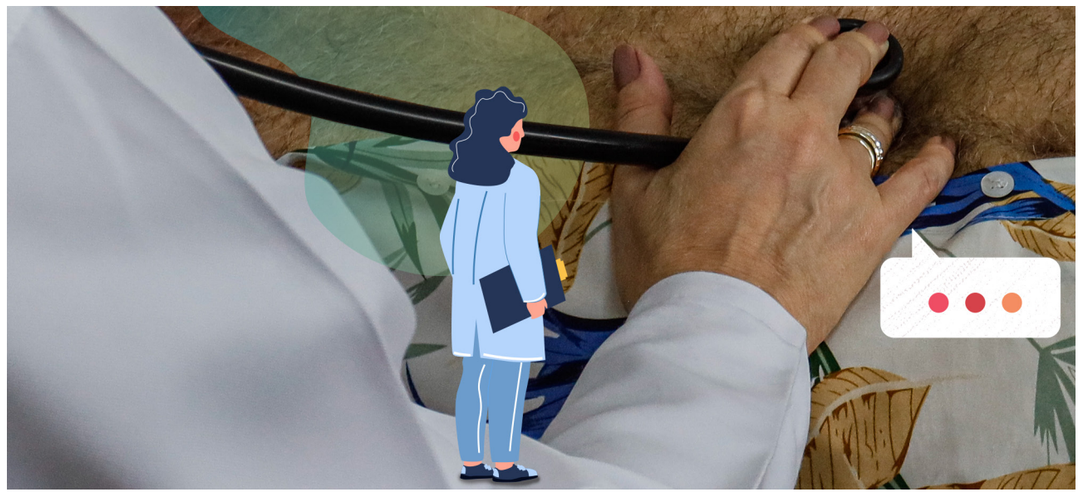
Doutora em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP), Birchal comenta que a relação das pessoas com o próprio corpo, quando estão saudáveis, passa despercebida: "Se ele funciona ao subir uma montanha, ir à balada, ou em meio à pandemia, não o percebemos. A gente só se dá conta de sua existência quando ele adoece, e, de alguma forma, há sinais de mudança: antes, conseguia carregar peso; agora, não posso segurar sacolinhas de supermercado".

O CORPO DECLINA

Há o momento em que o organismo enfrenta uma doença terminal, mas a cabeça permanece a mesma. "Nesses casos, o corpo não se encontra com a mente. A briga é: 'Por que ele está assim e não me obedece?'", comenta Paula Birchal. As pessoas não suportam tal constatação, que, segundo a psicóloga, fere o narcisismo e o ego corporal. "Quando o corpo me fala que não dá conta, eu me deparo com minha dificuldade. O indivíduo, muitas vezes, se revolta, se esconde ou nega." Que o diga o fato de que algumas pessoas, ao fazer a cirurgia bariátrica, não conseguem mais se encontrar no próprio corpo e passam a ter problemas psíquicos, que as levam, por vezes, a um estado mais grave do que o anterior.

É importante ressaltar que cada indivíduo estabelece diálogos com o próprio corpo e, portanto, precisa também ouvi-lo, mesmo sem a presença dos especialistas

No que diz respeito ao papel do médico, Ana Cristina Albricker ressalta a importância de o profissional dar segurança ao paciente, até mesmo para os casos em que não há cura. Ela afirma que uma das áreas que mais evoluiu, nos últimos tempos, foi a da Medicina Paliativa: "Devemos preparar os alunos para, eventualmente, não curar, se for o caso, mas de forma a dar um alívio ao paciente e, até mesmo, para sua família".



Como exemplo, há momentos de definições delicadas, quando se deve decidir se o caso caminha para o tratamento ou para o alívio da dor. “Esse é um ponto muito importante, que temos trabalhado bastante com os alunos do UniBH, visto que muitos médicos, mesmo experientes, não estão preparados para não curar”, analisa.

O CORPO APRENDE

Quem já assistiu à série *Grey’s Anatomy* pode ter a impressão de que os médicos tagarelam sem parar durante os procedimentos clínicos, e mesmo cirúrgicos, inclusive sobre assuntos de cunho filosófico, romântico e pessoal. Na vida real, as cirurgias raramente têm um ambiente tão animado e fora do contexto. Pelo contrário: o que se busca, quase sempre, é foco e concentração. Nos cursos de saúde do UniBH, técnicas, metas, sonhos e processos de humanização caminham lado a lado. Afinal, é preciso formar profissionais capazes de lidar não apenas com a beleza, mas, também, com a dor e a complexidade da vida.

As mudanças curriculares mais recentes buscam formar os estudantes para serem médicos generalistas. “O aluno sai da faculdade apto a resolver boa parte dos problemas de saúde da população. Ele não precisa saber tratar, por exemplo, um infarto agudo do miocárdio”, explica Ana cuja especialidade é, justamente, a Cardiologia: “Porém, ele precisa se preparar para estar na linha de frente e detectar que determinado paciente tem o risco desse tipo de infarto”.

VOLTAR AO SUMÁRIO

Que diálogos o UniBH te proporciona?

Carol Marçal, ex-aluna de Jornalismo do UniBH

Durante os quatro anos na universidade, desenvolvi dois tipos de diálogo, que, além de me ajudar muito no dia a dia, superaram qualquer de minhas expectativas. O primeiro foi o de liderança. Ao me tornar líder de turma e permanecer por dois anos assim, aprendi a conversar com os colegas e os professores. O segundo, mas não menos importante, foi o profissional. Quando ingressei no curso de Jornalismo, não tinha noção do quanto eu era limitada no quesito conversação. Foi por meio dessas experiências que soube ouvir e dialogar com a turma e, principalmente, com os coordenadores.

Gabriel Ronan, ex-aluno de Jornalismo do UniBH e jornalista no Estado de Minas

Iniciar os passos do Ensino Superior para mim, um jovem que a vida inteira havia estudado na mesma escola, era um grande desafio, rodeado de incertezas. No UniBH, no entanto, tive duas convicções: uma, de que estava ao lado de pessoas queridas, preocupadas com minha evolução profissional; e, outra, de que havia escolhido o curso e o caminho certos.

Kennifer Jenny da Mota, estudante do 4º período de Publicidade e Propaganda

Mesmo com a vinda da pandemia, sempre me senti muito próxima ao mercado de trabalho, graças ao UniBH. Por se tratar de uma faculdade moderna, com ensino de alta qualidade, que se preocupa com a geração de um bom profissional, os assuntos, as experiências e os diálogos, levados para dentro de sala de aula (mesmo que virtual), sempre foram muito satisfatórios e realistas. Isso está se tornando cada vez mais importante para meu aprendizado e meu crescimento profissional.

ecossistema ânima

PÓS-GRADUAÇÃO
UNIBH
A EVOLUÇÃO DA SUA CARREIRA COMEÇA AQUI

COM A FLEXIBILIDADE
QUE A SUA VIDA PEDE.

VOCÊ ESCOLHE:
6 OU 12 MESES

6/12 MESES

CONHEÇA EM
POS.UNIBH.BR

unibh
Google for Education Escolas de Referência

Rangel Sales, professor dos cursos de Design e Comunicação, doutorando na linha de Design, Cultura e Sociedade

VOLTAR AO SUMÁRIO

A vida não para

Atento às dinâmicas sociais, Projeto Ânima Plurais busca estimular diálogos capazes de fomentar a pluralidade, a representatividade, a empatia e o respeito

TEXTO Will Araújo FOTOS Rodney Costa

Você entra em casa, após jornada de 12 horas de transporte e trabalho. Sua companheira pergunta se quer jantar. Ela também acabou de chegar com seu filho, pois, ao voltar do emprego, pegou o garoto na aula de balé. Televisor ligado, chuveiro já no ponto, e lá vem o cheirinho bom de comida vegana apetitosa. Bem baixinho, o repórter fala, no jornal, sobre uma nova lei, a favor da identidade de gênero. O menino está de pé, em frente ao eletrodoméstico, atento ao tradutor em libras. Ao fazer carinho na esposa, ouve que seu banho não foi bem tomado: afinal, aquele batom mal removido ainda pode sujar o colarinho dela.

Em que momento da cena acima é possível perceber que a família descrita é formada por duas mulheres e um garoto surdo? Trata-se de um apartamento, no centro de alguma cidade? Todas são cisgênero? E qual a cor das pessoas? As respostas a tais perguntas mostram que os tempos mudam, os debates evoluem e, com razão, as organizações precisam se adequar às dinâmicas sociais, de modo a criar ambientes onde floresçam diálogos diversos e inclusivos.

O grupo Ânima Educação permanece atento a tal mundo em permanente transformação. Daí a criação do “Projeto Ânima Plurais”, que, como um guarda-

-chuva, abrange – no UniBH e em todas as outras instituições de ensino da empresa – uma série de ações de "representatividade, empatia, respeito e pluralidade". São programas aceleradores de carreiras, de formação para docentes, projetos de extensão, letramentos e acompanhamento de resultados, todos voltados à pluralidade de diálogos e às pessoas, com a finalidade de manter a cultura de diversidade.

No UniBH, de acordo com o professor João Henrique dos Santos, coordenador da clínica de Psicologia e do projeto de extensão "Mosaico: diversidade em pauta", participar do Ânima Plurais é ofertar um serviço de atenção capaz de estimular o desenvolvimento da diversidade na instituição. A iniciativa que coordena, realizada semestralmente, desde o início de 2020, busca apoiar e acolher minorias, para unir conhecimento, difundir informações, desmistificar a diversidade e estimular as pluralidades.

"Os participantes podem ajudar na produção de podcasts, na elaboração de oficinas, para as comunidades interna e externa, e na criação de um ambulatório de cuidado e atenção plural na clínica integrada de saúde do UniBH", explica. Um dos frutos do "Mosaico" é o "Ambulatório da Diversidade", que já tem como parceiro o Centro de Referência LGBT da Prefeitura de Belo Horizonte, que encaminha público a ser incluído na atenção dos participantes.

TRANSVERSALIDADE

O Ânima Plurais ultrapassa os limites físicos da corporação, por meio de inúmeros projetos de extensão, que podem ser desfrutados, transversalmente, pelos estudantes e pela comunidade externa, independentemente de local de matrícula, área de moradia e instituição de ensino. Exemplo é o "Pretança – Afrobrasilidade e Direitos Humanos", coordenado pela professora Tatiana Carvalho Costa, do Centro Universitário UNA, que "propõe a ampliação de espaços de discussão de questões étnico-raciais e suas intercessões no ambiente acadêmico, chamando à participação estudantes, colaboradores da instituição e comunidade externa, para troca de saberes e experiências".

No projeto, há estudantes do UniBH, da Faseh e da UNA – tanto de Minas Gerais quanto de Goiás. "Antirracismo na Rede" e "Cineclube Pretança", projetos derivados do Pretança, são abertos a todas as escolas do grupo Ânima no Brasil, em estados como Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, dentre outros.

De volta ao UniBH, a transversalidade está, também, na criatividade do curso "Museus – Espaços de memória e resistência", coordenado pelo professor Rangel Sales, no qual se discute, de modo geral, o papel dos museus na construção de narrativas concebidas por meio de projetos. "De maneira bem específica, o objetivo é avaliar as questões ligadas à representatividade e, então, pensar um pouco a forma como projetos expográficos, como as narrativas propostas pelos museus, mantêm um pensamento excludente", comenta.

O curso é direcionado a estudantes das licenciaturas de Arquitetura e Comunicação, além de todos aqueles que se interessarem pela temática. "Cada um traz visões diferentes ao projeto, por conta de saberes particulares sobre o tema. Isso, para mim, é o tipo de interação mais interessante", afirma Sales, ao explicar, ainda, que o curso é on-line e síncrono, o que permite a quebra de fronteiras: hoje, estudantes do Nordeste, do Sudeste e do Centro-Oeste interagem e trocam ideias. "Além disso, as pessoas se tornam mais questionadoras. E justamente no momento em que os museus buscam tais tipos de visitantes, capazes de recompor as narrativas daquele ambiente, para que, então, os acervos 'se reconstruam'. É muito interessante preparar o público, para que ele possa contribuir com a reformulação dos espaços contemporâneos", destaca o professor.

Portanto, à medida que os debates evoluem – e os museus de grandes novidades se tornam reais –, a diversidade e a inclusão encontram espaço e voz nas instituições, que, assim como o tempo, não param.

VOLTAR AO SUMÁRIO

Conexões ampliadas

Iniciativas de internacionalização na graduação vão de intercâmbios com imersão profunda a cursos de curta duração

TEXTO Lorena Tárcia ILUSTRAÇÃO Ágatha Kretli

Quando chegou ao fim de sua experiência de intercâmbio em Portugal, o estudante de Engenharia Química Bruno L. Dias sabia bem o que queria: prolongar a "experiência maravilhosa" a partir de outras oportunidades de formação no exterior.

Mesmo sentimento do grupo de estudantes de Medicina Veterinária ao visitar o Saint Louis Zoo, nos Estados Unidos, e assistir, presencialmente, à palestra do renomado doutor Milo Wiltbank, considerado referência internacional na área.

De modos diferentes, todos ilustram a crescente busca de brasileiros por programas de intercâmbio e vivências internacionais. Embora, tradicionalmente, os cursos de idioma sejam os mais cobiçados, tem se destacado cada vez mais o interesse dos estudantes universitários por oportunidades de mobilidade acadêmica e outras experiências que ampliem seu repertório global.

De acordo com a pesquisa Selo Belta 2020, realizada pela Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio, em 2019, houve crescimento de 5,86% na procura de viagens de estudo ao exterior, passando de 364.400 viajantes, em 2018, para 386.000 em 2019, apesar da situação econômica do momento.

Diante da demanda crescente, as instituições de ensino superior se mobilizam para ampliar as iniciativas de internacionalização na graduação. Das modalidades possíveis, o intercâmbio acadêmico é, sem dúvida, um dos mais completos e tradicionais. Trata-se de um processo já conhecido e bem simples, segundo Danielle Cristina Santos, diretora de Internacionalização da Ânima Educação: "O estudante pode fazer um ou dois semestres em alguma universidade no exterior, que, necessariamente, precisa ser uma instituição conveniada, retorna para o Brasil e tem a grade internacional validada, ganhando, inclusive, um certificado das disciplinas internacionais cursadas", resume.

Outra possibilidade, chamada graduação-sanduíche, ganhou fama na época do programa federal "Ciência sem fronteiras", findo em 2017. Embora o nome seja muito usado para intercâmbios acadêmicos em geral, Danielle Santos explica que se trata de modalidade específica, com dupla diplomação – ou seja, você recebe diploma tanto da universidade nacional quanto do instituto de ensino superior internacional frequentado. Nessa modalidade, o estudante, geralmente, passa metade do tempo de formação em cada instituição – daí o nome sanduíche. Isso faz com que tal graduação seja mais longa do que os intercâmbios acadêmicos tradicionais, que preveem mínimo de dois anos no exterior.

Para facilitar esses formatos alongados e mais custosos, as instituições passaram a incluir bolsas estudantis, a fim de reduzir, de forma significativa ou até completamente, o custo mensal pago na graduação durante o período no exterior.

ALTERNATIVAS AO INTERCÂMBIO

Ainda assim, nem todos têm disponibilidade financeira ou de tempo para passar seis meses, ou até dois anos, em outro país. Para esse público, existem modalidades alternativas, como módulos internacionais e visitas técnicas em universidades renomadas ou centros de pesquisa e *nanodegrees* internacionais, além de cursos em outros idiomas, com professores estrangeiros.

Os chamados *nanodegrees* ou nanocertificados internacionais têm como objetivo trazer aos estudantes temas de relevância internacional. "Eles têm uma metodologia diferente: não são teóricos, mas práticos, mão na massa total! A ideia do *nanodegree* internacional é que o estudante participe de debates e seminários, tudo em outro idioma, aprofundando o conhecimento sobre assuntos contemporâneos e com alta demanda no mundo atual. O certificado também é interdisciplinar e usa conhecimentos de diversas áreas sobre uma questão em comum", resume Danielle Santos.

O UniBH oferece todas as modalidades acima descritas, o que tem possibilitado experiências diversas aos seus alunos. Exemplo foi o Módulo Internacional de História, Arquitetura e Arte, realizado em Florença, no início de 2020. Durante doze dias, estudantes participaram de aulas na Accademia Europea di Firenze, enquanto, nos demais horários, faziam visitas às dezenas de museus da cidade italiana.

Além desses, outros convênios e parcerias estratégicas estão em processo de negociação, segundo Pedro Neves, respon-

sável pelos projetos de internacionalização do UniBH. As parcerias incluem recebimento de intercambistas, conexão com organizações de direitos humanos, além de acordos para pesquisa, ensino e extensão. "Estamos em negociação com os coordenadores de curso para definir as parcerias mais estratégicas que permitirão ao UniBH desenvolver acordos técnicos de cooperação, levando a novos projetos, com instituições estrangeiras relevantes para nossa comunidade acadêmica", revela.

Segundo Danielle Santos, todas as parcerias são bem-vindas. "Qualquer iniciativa de internacionalização, seja um amplo intercâmbio, sejam os objetivos *nanodegrees*, fazem o aluno desenvolver o que é necessário para o mercado de trabalho hoje: flexibilidade, capacidade de se adaptar mais facilmente ao novo e empatia acima de tudo, todas elas consideradas *soft skills*", analisa a diretora. "Isso, claro, sem contar o óbvio diferencial no mercado que é ter um curso internacional no currículo", destaca.

OPORTUNIDADES DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO UNIBH

CURTA DURAÇÃO

Módulos internacionais: cursos de 1 a 2 semanas no exterior, para áreas específicas, feitos em alguma instituição internacional parceira.

Visitas técnicas: mais curtos e 100% práticos. Os estudantes não vão para salas de aula, mas para visitas técnicas, em locais como grandes companhias de tecnologia, centros de pesquisa renomados, dentre outros.

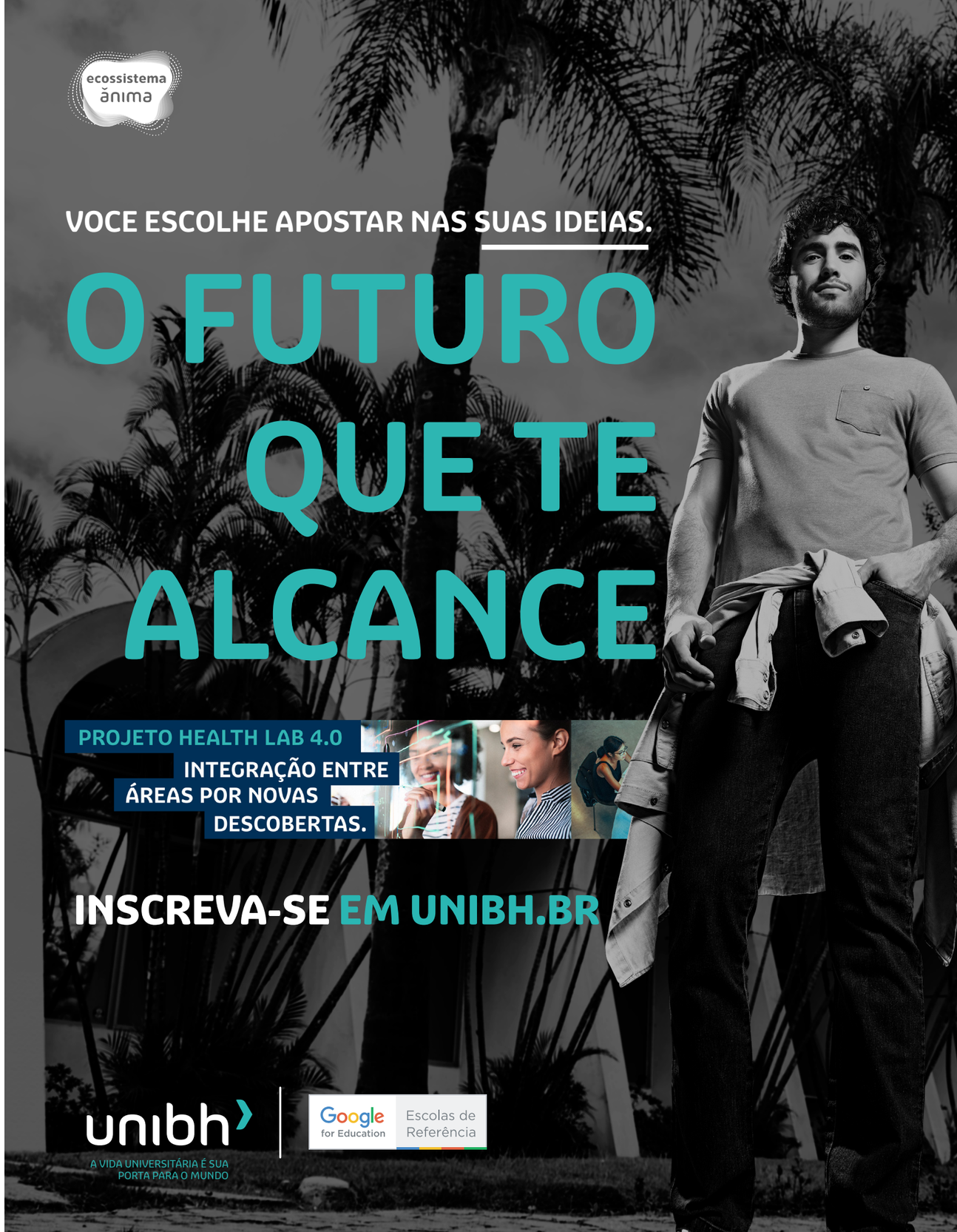
Cursos de idioma no exterior: oferecidos durante os períodos de férias da graduação. Nele, estudantes podem estudar inglês nos Estados Unidos ou no Canadá; italiano em Florença; espanhol em alguma instituição parceira, na Espanha; dentre outros.

***Nanodegrees* internacionais:** cursos oferecidos em inglês ou espanhol, que têm como objetivo trazer aos estudantes temas de relevância internacional.

MÉDIA E LONGA DURAÇÃO

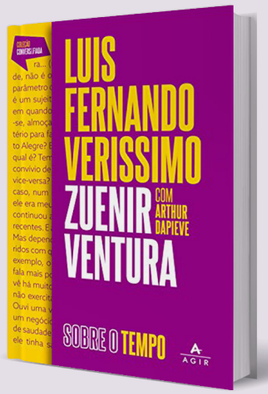
Intercâmbio tradicional: um ou dois semestres em universidade conveniada, no exterior.

Graduação-sanduíche: modalidade específica de intercâmbio, que inclui dupla certificação – ou seja, o estudante recebe diploma tanto da universidade nacional quanto do instituto de ensino superior internacional onde frequentou parte do curso. Duração maior do que o intercâmbio tradicional.



Dicas de livros sobre diálogo

VOLTAR AO SUMÁRIO



SOBRE O TEMPO

História, política, amizade, amor, família, morte. Tais vastos "territórios" da existência, por nós experienciados ao longo do caminhar pela vida, formam a base dessa profícua conversa entre gigantes brasileiros da arte, da crítica e do pensamento. No livro *Sobre o tempo* (Agir), mediados pelo jornalista Arthur Dapieve, os escritores Zuenir Ventura e Luis Fernando Verissimo dedicam-se a uma prosa de nos tirar o fôlego! Ao longo da saborosa digressão do trio – cuja edição traz à tona os próprios fluxos de argumentação e memória –, temos o privilégio não apenas de aprender com a sabedoria dos mestres, mas, também, de participar do belo exercício de autoconhecimento: a cada resposta elucidativa, abrem-se diante de nós – atrevidas como nunca! – outros milhares de interrogações.

SOBRE O CORPO

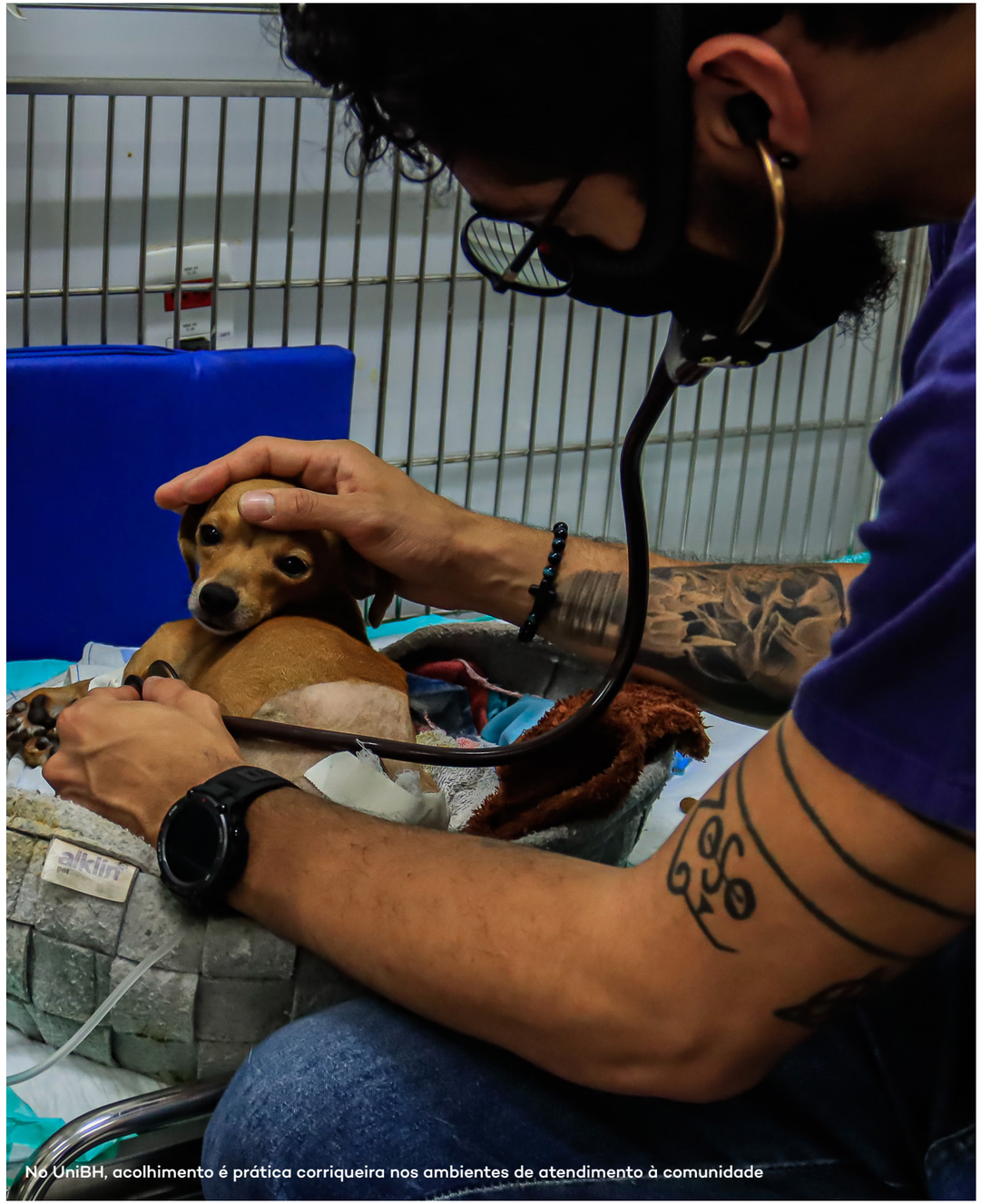
De 9 de agosto de 2002 a 18 de abril de 2003, a antropóloga Ivete Keil e a filósofa Marcia Tiburi aproveitaram-se da tecnologia para se entregar ao profícuo e atinado exercício da conversação. Por meio de confabulações via e-mail, as pensadoras brasileiras ativeram-se ao debate de temática essencial à contemporaneidade. Em *Diálogo sobre o corpo* (Escritos), as autoras discutem o conceito, o status social e as implicações da corporeidade, a partir da reconstituição de problematizações suscitadas pela Filosofia e áreas afins. Apesar da recorrência a inúmeros autores, a narrativa não perde a visada subjetiva das professoras, pesquisadoras e amigas, o que torna tudo ainda mais intenso. Trata-se, afinal, de notas sobre o corpo, nada menos do que o "lugar de toda travessia na aventura humana".

SOBRE ARTE E INVENÇÃO

No livro *Entrevistas brasileiras vol. 1* (Cobogó), o curador suíço Hans Ulrich Obrist promove conexões entre leitores e leitoras e o pensamento de 36 importantes artistas e intelectuais do País, nascidos até 1959. Trata-se de relatos estimulados, realizados e organizados pelo autor em viagens ao Brasil, com apoio da editora brasileira. Neles, para além de especificidades das artes visuais, os entrevistados tratam de temáticas ligadas à criatividade e à inventividade. Há cerca de 30 anos, o curador viaja, pelo planeta, para gravar suas "conversas sobre temas que extrapolam o universo das artes visuais, registrando essa troca de ideias". Dentre os nomes reunidos na obra estão Oscar Niemeyer, Claudia Andujar, Caetano Veloso, Wanda Pimentel e Eduardo Viveiros de Castro.

SOBRE O AMANHÃ

Por meio do provocativo *Ideias para adiar o fim do mundo* (Cia. das Letras), o pensador Ailton Krenak, uma das mentes mais brilhantes a agitar o debate contemporâneo, aproveita o diálogo com os leitores para, delicadamente, cumprir seu intuito acolhedor: revelar, mesmo ao mais desatento dos cidadãos, os múltiplos entrelaçamentos entre o ser humano, a natureza, o tempo, a vida. De modo poético, o autor redefine sentimentos há muito esquecidos pelos habitantes dos grandes centros urbanos, além de reconfigurar o que, dia a dia, muitos de nós tomamos por "realidade estabelecida". A obra reúne três conferências de Krenak, realizadas em cidades e momentos distintos: "Ideias para adiar o fim do mundo", "Do sonho da terra" e "A humanidade que pensamos ser".



No UniBH, acolhimento é prática corriqueira nos ambientes de atendimento à comunidade

VOLTAR AO SUMÁRIO

A comunidade que se transforma em lar

Quando o compartilhamento traz à tona o inusitado, diálogos constroem e reforçam laços humanos

TEXTO Will Araújo FOTOS Rodney Costa

A palavra “comunidade” conta com vários significados, inerentes às aplicações no mundo que nos cerca. Os sentidos vão de coisas tangíveis e abstratas, reconhecidas por vários indivíduos, ao conjunto de pessoas que convivem em determinado local. De todas as variações, talvez a mais encantadora seja a do grupo que vive em comum e divide recursos materiais, conforme explica o dicionário Michaelis. Quase uma ação, esta última poderia estar contida no verbo compartilhar.

Por sua vez, o compartilhamento abriga dualidades: quem dá e quem recebe, o meu transformado em seu, quem age e quem reage e outras. Assim como na comunidade, não é possível dividir algo de si sendo sozinha ou sozinho. É necessário distribuir entre as partes. É preciso interagir e dialogar.

Para reunir uma comunidade em volta do diálogo e do compartilhamento, é preciso ocupar um espaço, mesmo que virtual. Ir, vir e ser. E, saindo do campo ideológico, aplicar. É o que as instituições propiciam – a exemplo do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH).

Locais de aprendizado, sempre abertos ao diálogo, são campos férteis para consolidar comunidades. Assim acontecem as dualidades de trocas, o mutualismo de conhecimento entre seres políticos. Além disso, de que adiantaria

De que adiantaria educar para atender a sociedade, sem compartilhar o que se aprende no processo?

educar para atender a sociedade, sem compartilhar o que se aprende no processo?

O UniBH se permite ocupar espaços quando se abre ao entorno, ao oferecer, à comunidade, atividades e serviços desenvolvidos por estudantes e professores, na instituição. Que o digam o Hospital Público Veterinário, o Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ), o Design Lab, o Jornal Daqui BH, a Clínica Integrada – que inclui a Clínica de Psicologia – e diversos cursos de extensão.

Entender um conflito, explicar os caminhos, administrar o andamento e propor soluções, conforme Bruno Miguel Pacheco Antunes de Carvalho, professor do UniBH e coordenador do NPJ, é o que fazem os alunos do Núcleo em relação às pessoas que recorrem à justiça.

Um dos braços do NPJ é o escritório de assistência jurídica, pelo qual "em juízo, nós ingressamos com uma ação judicial ou representamos essa pessoa numa sala judicial e advogamos em benefícios dessa pessoa. Temos mais de 300 ações em curso, em benefício dos nossos clientes, os quais acompanhamos do início ao fim. Os atendimentos são feitos por nossos estagiários e, também, pelos alunos do curso, na parte voltada ao estágio supervisionado", explica Pacheco.

Os clientes fazem contato via WhatsApp, marcam uma consulta jurídica, o que progride para uma videoconferência pelo aplicativo Zoom. Neste período pandêmico, o modelo virtual de atendimento, conforme Bruno, é o mais praticado pelo escritório, não excluindo o que acontecia antes.

SAÚDE PSÍQUICA

No caso da Clínica de Psicologia, amparada pelo "guarda-chuva" da Clínica Integrada, o recurso on-line, além de se mostrar uma ferramenta versátil, tornou-se um parâmetro para o aumento do alcance do serviço, explica João Henrique dos Santos, professor no UniBH e coordenador da iniciativa.

Ele explica que a Clínica oferta serviços à comunidade nas modalidades de atendimento on-line e presencial. "São duas perspectivas de serviços: uma voltada ao acolhimento, em que trabalhamos com situações de urgência; a outra, com psicoterapia, tanto individual quanto coletiva", esclarece.

Também por causa da pandemia, os atendimentos de 2020 ocorreram apenas on-line. Em 2021, com o avanço da vacinação e a regressão do vírus, os serviços presenciais foram novamente oferecidos. Contudo, mesmo que virtualmente, o coordenador frisou que o alcance foi maior, com extensão da comunidade para outras capitais, como São Paulo.

"Principalmente no ano passado, tudo ocorreu somente on-line, e, neste ano, a gente retomou o atendimento presencial. As pessoas ainda têm optado mais pelo atendimento on-line, pois ele tem entrada maior na comunidade. Neste diálogo com as pessoas, o atendimento virtual consegue acessar mais pessoas que não estão apenas no entorno do UniBH", explica Santos.

O alcance é tamanho que, no primeiro semestre de 2021,

quando divulgaram a abertura de vagas para pacientes na Clínica de Psicologia, algumas empresas midiáticas e nomes famosos, como o da atriz Camila Pitanga e o grupo Mídia Ninja, de jornalismo independente, compartilharam a oportunidade em suas redes sociais. No período, isso gerou a demanda de mais de cinco mil inscrições, das quais, com o contingente de oito professores supervisores e preceptores e de 200 alunos estagiários, 1.200 conseguiram atendimento.

NOVAS EXPERIÊNCIAS

No Hospital Veterinário, também no campus Buritis do UniBH, situado na rua Líbero Leone, 259, no bairro Buritis, em Belo Horizonte, surpresas gratas acontecem.

De acordo com Aldair Junio Woyames Pinto, diretor do Hospital e professor do UniBH, todas as manhãs, a partir das 8h, o serviço é iniciado, e a comunidade retira senhas para atendimento dos pets, sejam eles cães, sejam gatos.

Certa vez, apareceu um tutor, que retirou senha e pediu atendimento para o pet. Como o Hospital não possibilita internações, foi informado a ele que precisaria retornar com o animal durante vários dias, para continuar o tratamento. Por isso, seriam necessários dados de endereço de residência etc. O senhor respondeu que não tinha casa. Disse que morava debaixo de um viaduto.

"Isso começa a mudar toda a conotação, os contextos e nossa cabeça. Estamos tão acostumados a conviver com as pessoas que podem trazer e levar seus animais, que atender em um Hospital Público é a oportunidade de conviver com situações bem diferentes das habituais", destaca Woyames.

VOLTAR AO SUMÁRIO

Unidades Curriculares: ruptura com a tradição

Novo modelo integra competências, desenvolve habilidades e prepara universitários para interagir com o mundo do trabalho

TEXTO Lucas Alvarenga ILUSTRAÇÃO Ágatha Kretli

A física empresta, à educação, conceitos que nos convidam a pensar. Por que a maioria das escolas permanece inerte diante de um mundo cada vez mais global? O que inspira outras à resiliência, apesar de ambientes resistentes à mudança? Que tipo de energia motiva uma parcela dos professores a inovar? As provocações do engenheiro e educador português José Pacheco, elencadas em "Aprender em comunidade" (2014), já mobilizavam a professora Denise Campos, que viajou à Espanha, em 2002, para encontrar respostas a essas perguntas.

Na Universidade de Valência, a pedagoga e historiadora se especializou no estudo de currículos integrados, antes de se tornar doutora em Educação. A instituição fica a 1.476 km de Bolonha, na Itália, "epicentro" de uma revolução no Velho Continente, ocorrida em 1999. Na época, ministros da Educação de 29 países da União Europeia assinaram um tratado para unificar a aprendizagem universitária no bloco, concretizando o Espaço Europeu de Ensino Superior.

A reforma no sistema estimulou a mobilidade de alunos e professores entre universidades do continente, de modo a facilitar o acesso a novas oportunidades de formação e emprego. "O Tratado de Bolonha instituiu um currículo integrado e interdisciplinar, ao unificar diretrizes no bloco europeu. Assim, quem estuda na França pode transferir créditos para qualquer instituição do Reino Unido. Essa proposta, atenta ao mundo contemporâneo, motivou a mudança que vemos hoje no UniBH", contextualiza Denise, atual vice-presidente acadêmica da Ânima Educação.

No Brasil, uma ação inédita do Ministério da Educação (MEC) extinguiu o modelo de currículos mínimos – considerado rígido e defasado –, em favor das Diretrizes Curriculares Nacionais. Porém, a reação, tão aguardada, ficou só na teoria newtoniana. "Desde 1996, cada universidade está autorizada a elaborar o seu Projeto Político-Pedagógico (PPP). Porém, a maioria segue presa a um modelo que teima em separar o conhecimento em 'caixinhas'", observa Denise.

A ruptura com a tradição curricular começou há cinco anos dentro da Ânima. Nesse período, coordenadores e docentes dos núcleos formadores dos cursos de graduação se debruçaram na construção de um novo ecossistema de aprendizagem. O ambiente privilegiaria o diálogo entre professores e alunos de diferentes áreas, recuperando a unidade perdida com a quebra do conhecimento em disciplinas. Vigentes desde o 2º semestre do ano passado, as Unidades Curriculares – UCs (veja quadro na página 51) sustentam a transformação proposta pelo UniBH à sociedade.

SABERES QUE SE ENCONTRAM

Em cada sala de aula, dois professores trabalham, de forma integrada, a condução da UC e o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão. Assim, organizam conteúdos, atividades e avaliações em conjunto. "Na UC 'Tomada de Decisão', temos tanto assuntos de Matemática e Estatística quanto de Comunicação e Liderança. Essa interação é o que possibilita formarmos multiprofissionais para um mercado complexo, como o atual", analisa Denise.

Diretora de formação e desenvolvimento docente da Inspirali, ecossistema de saúde da Ânima, Lena Peres contribuiu para transformar o currículo do curso de Medicina do UniBH. Segundo a doutora pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o modelo flexneriano – que dividia os estudos em anatomia, patologia, fisiologia e clínica médica – encontra-se ultrapassado. "Um aluno, diante de um caso de cirrose, precisa analisar a doença e o paciente de forma integral, observando não só fatores genéticos e biológicos, mas, também, sociais e ambientais."

Na tentativa de oferecer uma visão múltipla, o UniBH proporciona o encontro de estudantes de diferentes cursos no eixo das "UCs da Área e da Profissão", a exemplo da Arquitetura, das Engenharias e do Design. Juntos, esses alunos precisam enfrentar problemas multidisciplinares, à espera de resoluções a serem formuladas em equipe. A experiência entre cursos não só enriquece o aprendizado, como promove conexões entre saberes complementares.

Entusiasta dos currículos integrados, Marília Couto, coordenadora do curso de Direito do UniBH, vê nessa matriz disruptiva uma oportunidade de oferecer competências, habilidades socioemocionais, atitudes, valores e ética aos alunos, desde os eixos de "UCs Específicas" às abrangentes, como o eixo de "UCs Core Curriculum". "Não temos mais disciplinas como Direito Penal ou Contabilidade; temos um conjunto de conteúdos e competências que proporcionam mais significado ao aprendizado e contribuem para uma formação técnica e profissional."

TEORIA E PRÁTICA EM DIÁLOGO

A quebra de paradigmas de ensino encontra no eixo "UCs Duais" uma ponte entre a universidade e o mercado. Nas unidades curriculares que o compõem, os alunos aprendem em ambientes que simulam a área de atuação e se engajam em projetos de extensão, obrigatórios no curso, desde 2018. "Nossa ideia é gerar aprendizado pelo contexto, oferecendo experiências reais e simuladas a quem estuda, os verdadeiros gatilhos para a cognição", defende Lena.

Ao cursar uma UC Dual, o aluno absorve a teoria com professores e aplica o conhecimento em projetos de parceiras da instituição. "O UniBH almeja que o estudante aprenda sobre valoração de empresas com a XP, uma referência em *valuation*, ou que viva a experiência de conhecer o projeto de um carro elétrico com a Volkswagen, *expert* em eletrificação. Para nós, a vivência prática dentro das companhias não só amplia horizontes, como aumenta a rede de contatos e as chances de empregabilidade por meio da retenção de talentos", acredita Denise.

> A experiência entre cursos não só enriquece o aprendizado, como promove conexões entre saberes complementares

As oportunidades para quem deseja aprender dentro de grandes companhias são múltiplas. O ecossistema de aprendizagem do UniBH atua em parceria com 104 empresas, como as gigantes Google e Amazon. As competências aprendidas são supervisionadas por professores-tutores, enquanto as avaliações são realizadas nos ambientes profissional e acadêmico. Ao fim desse percurso, o aluno recebe um duplo certificado, assinado pela empresa e pela universidade.

A Hop Digital, startup especializada em blockchain e inteligência artificial, traduz os benefícios dessa parceria entre universidade e empresa. "Há nove anos, acreditamos no poder da colaboração com o UniBH. Em 2021, chegamos na 2ª edição do Health Labs 4.0, projeto cocriado com os cursos de Medicina, Tecnologia da Informação e Direito da instituição, para formar profissionais múltiplos, que saibam usar inteligência artificial e analisar dados públicos e jurídicos da área da saúde. É fantástico!", destaca o CEO Hugo Azevedo.

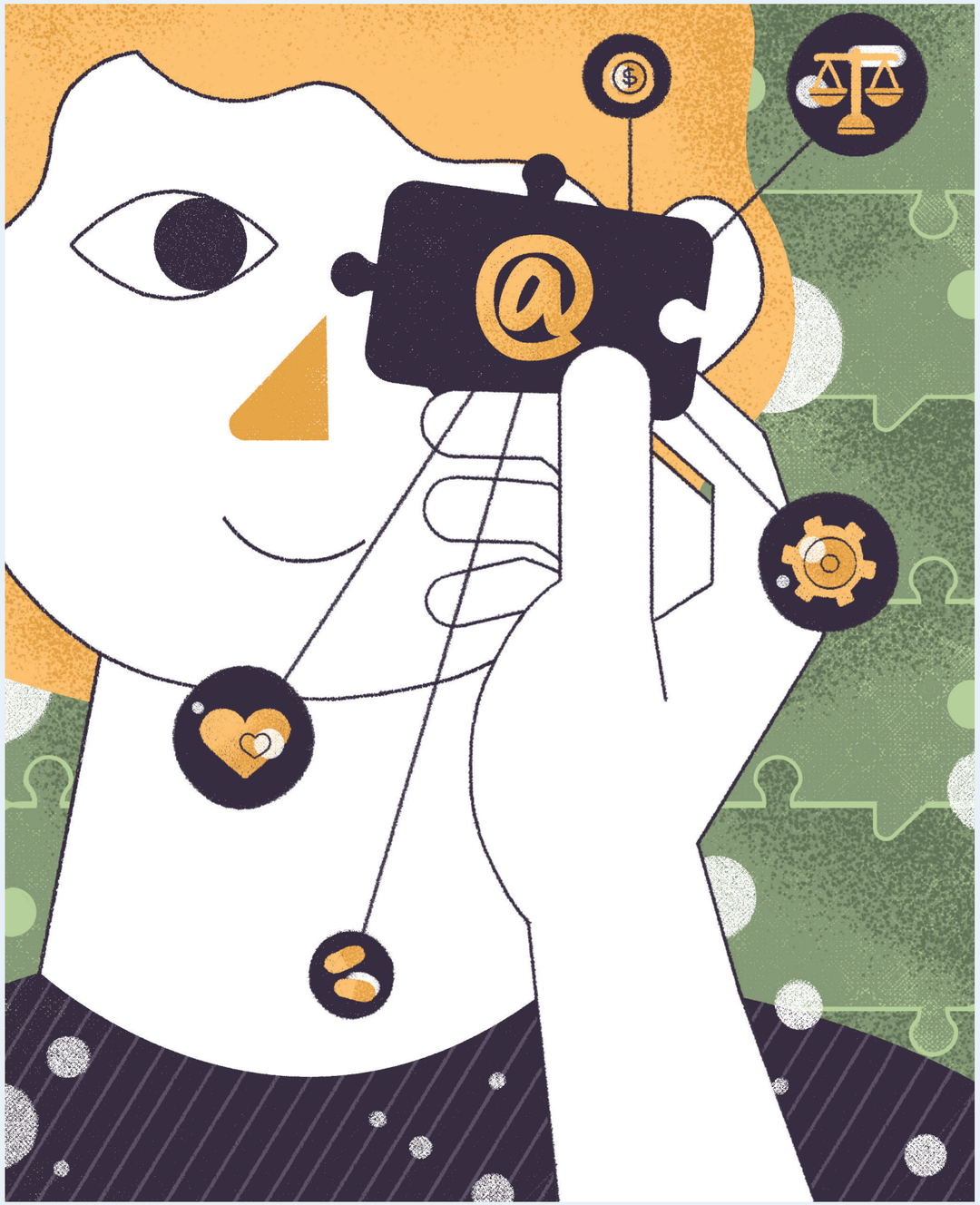
DESCOBERTAS

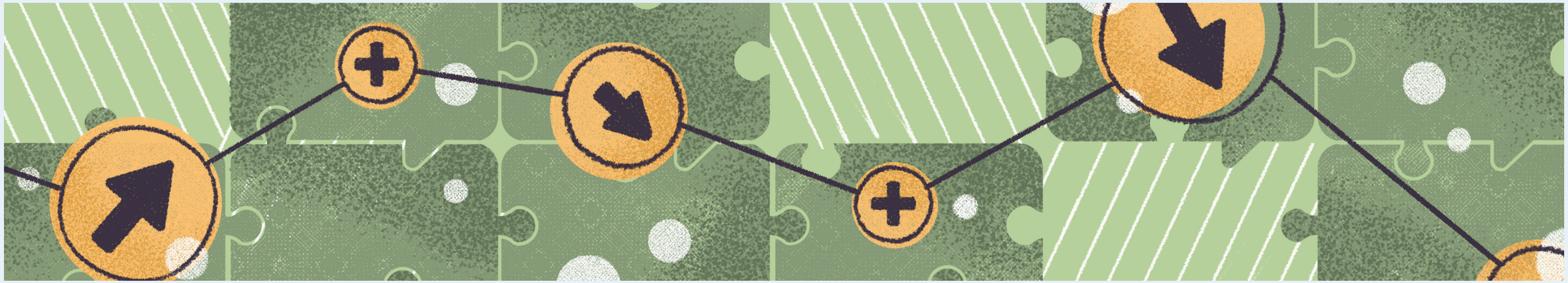
A proposta do novo currículo rompe com o aprendizado vertical, em que há um professor que ensina e um estudante que decora. "Toda mudança traz apreensão e resistência num primeiro momento. Porém, já sabemos que os alunos que aprendem com o uso de metodologias ativas, e pela lógica das unidades curriculares, estão mais sujeitos a alcançar o 'criar'. Esse é o grau máximo da Pirâmide de Miller, que identifica os níveis de aprendizagem", ressalta Lena.

Há seis períodos no curso de Direito do UniBH, Carla Cristina Silva tem se mostrado resiliente às mudanças. E não foram pequenas. Após se mudar do norte de Minas para a capital mineira, ela vivenciou a transição de modelos de ensino na instituição. "É a primeira vez que estudo por UCs, uma experiência ótima, mas desafiadora." Apaixonada por Direito de Família e Sucessões, Carla acredita que o retorno às aulas presenciais conceda aos alunos a possibilidade de crescer por completo, "permitindo uma prática com atendimento à sociedade".

Ansiosa pelas atividades no campus, a aluna Eduarda Otoni, do 2º período de Administração do UniBH, observa vantagens nas Unidades Curriculares. "Depois de um primeiro momento de dúvida, percebi, nesse modelo, mais possibilidades de conciliar a teoria com a prática no meu estágio, voltado à gestão de contratos em uma empresa de Engenharia. Na UC, também fiz uma descoberta: a área de recursos humanos dentro da administração."

Na reta final do curso de Enfermagem do UniBH, Gabriela Carolina Madureira se apaixonou pela área em visita a uma mostra de profissões. Hoje, no 8º período, ela reconhece a autonomia do novo modelo, que transforma o professor em tutor e permite ao aluno escolher duas unidades curriculares





para cursar, a cada semestre. “Com as UCs, conseguimos interagir mais com o conteúdo, aprender de forma ampliada e ter mais carga horária para aprofundar no tema”, opina Gabriela, vice-presidente da Liga Acadêmica de Enfermagem e Feridas.

PROTAGONISMO DO ALUNO

Mais livre para tomar decisões sobre seu projeto de vida, o aluno se torna o protagonista desse modelo inovador. “Nosso papel, como professores, está na curadoria desse processo. É necessário fazer o estudante olhar para o futuro, de forma a romper com os antigos dogmas. Além do conteúdo, o aluno precisa estabelecer relações, perceber seu papel na sociedade e desenvolver autoconhecimento para fazer a diferença na sociedade”, assegura Marília.

Em sua jornada dentro do curso, o aluno pode contar com a Plataforma Vida & Carreira, criada para guiar as escolhas de cada universitário. Ao acessá-la, o estudante recebe a orientação de um professor-tutor, que irá ajudá-lo no desenvolvimento de competências e habilidades, na construção de currículo e portfólio e no planejamento da carreira com base em interesses, talentos e personalidade. O sistema também oferece mentorias com profissionais do mercado, trilhas de aprendizagem e acesso a vagas em empresas parceiras do UniBH.

No 1º semestre, a instituição também adotou o aplicativo Ulife Mentoria, para apoiar, capacitar e conectar o aluno ao mercado. “Embora nos esforcemos, é preciso sempre aprimorar e criar novos canais de informação, para que o estudante faça as melhores escolhas. Devemos mostrar nossas parcerias com 28 países para a troca de experiências, orientar sobre o papel de cada UC e reafirmar nosso compromisso de pôr o aluno em primeiro lugar”, arremata Denise.

Ao fim desta jornada, é preciso, novamente, recorrer à Física, desta vez para ressignificá-la: dois ou mais corpos podem, sim, ocupar um mesmo ecossistema de aprendizagem.

CONHECIMENTO INTEGRAL **Entenda os quatro eixos das Unidades Curriculares (UCs) que renovaram o currículo do UniBH**

UCs Core Curriculum: reúnem temas que ampliam a visão de mundo dos profissionais de nível superior, como línguas, raciocínio lógico, economia e análise de dados.

UCs da Área e da Profissão: instigam o aluno a resolver problemas por meio de equipes multiprofissionais, não apenas de sua graduação, assim como ocorre no mercado de trabalho.

UCs Específicas: o estudante interage com alunos do próprio curso, aprendendo e resolvendo problemas característicos de sua profissão.

UCs Duais: o aluno pode cursar as unidades dentro de grandes companhias, startups e indústrias, desenvolvendo projetos reais.

Diálogos em tempos de pandemia

VOLTAR AO SUMÁRIO

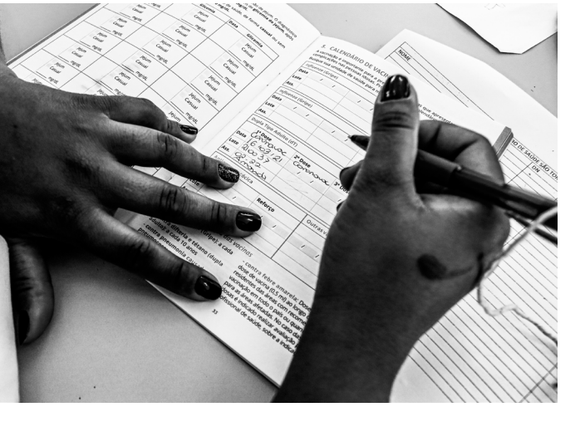
TEXTO E FOTOS Rodney Costa

Ah! Quem, aí, imaginava que viveria uma pandemia, com regras e orientações que nos fizessem repensar nossas experiências em sociedade?

Em pouco tempo, nos vimos "trancafiados" e, por bem ou por mal, passamos a viver a experiência de estar 24 horas por dia com a família. Tivemos, enfim, que nos reinventar e repensar nossos atos e ações em sociedade. Tínhamos como "vizinho oculto" um vírus que poderia mudar nossas vidas completamente – e com risco de muitas perdas.

Ah! E quem imaginaria que, em pleno século XXI, sair de casa seria um ato de liberdade e conquista?

Para contar um pouco da história desses momentos, fotografei (em cor e em preto e branco) situações que retratam a pandemia. Entre eles, o diálogo acontece em situações do cotidiano, do uso de álcool 70% aos afazeres de casa, da vacinação de jovens e idosos às atividades físicas fora da academia, dos passeios em parques, praças e estádios ao teste de Covid-19.



Isabela Prado é responsável pelo projeto "Entre Rios e Ruas"

VOLTAR AO SUMÁRIO

Tudo (e todos) pela arte

Leis de incentivo ampliam conexões entre escolas e cidades

TEXTO Lorena Tárcia FOTOS Rodney Costa

As chuvas de Belo Horizonte revelam, de maneiras muitas vezes tempestuosas, um subsolo repleto de córregos domados pela história urbanística da capital mineira. Ao longo dos tempos, buscou-se esconder os cursos d'água, sem considerar os impactos ambientais de tais iniciativas. Essas águas submersas, sobre as quais caminhamos sem saber, estão, agora, nomeadas e indicadas por cerca de 230 placas de localização.

A iniciativa "Entre Rios e Ruas", da artista plástica Isabela Prado, foi uma das muitas beneficiadas pelas leis de benefícios fiscais, incentivo de pessoas físicas e jurídicas com objetivo de impulsionar atividades e ações culturais, a partir de impostos pagos ao governo.

Para ela, "o fortalecimento das leis de incentivo foi um marco para a cultura no Brasil, pois é muito importante para viabilizar um conjunto de ações e produções artísticas de grande qualidade e relevância, mas que não ocorreriam sem esse apoio", considera. "Isso torna nossa produção cultural mais acessível, extensa e diversificada", conclui a pesquisadora.

O sistema de financiamento da produção cultural pode ser compreendido como um triângulo constituído por Estado, iniciativa privada e receita direta do

produtor. Para Adriana Donato, doutora em políticas públicas, consultora especializada em leis de incentivo à cultura, tais iniciativas foram e são essenciais para o fomento desse tipo de atividade no Brasil, pois a área conta com escassos recursos nos orçamentos públicos.

Porém, embora haja demanda do setor cultural, o sistema não está isento de críticas. Segundo Adriana, uma das principais ponderações relativas às legislações é que o acesso aos recursos seria feito por uma pequena parcela de agentes culturais, que já têm ascensão no cenário cultural brasileiro. Além disso, "o sistema permitiria à iniciativa privada decidir quem terá acesso aos recursos, de forma que as barreiras continuariam a existir", analisa a consultora.

Para aperfeiçoar a proposta e diversificar o perfil dos agentes beneficiados pelos recursos advindos das leis de incentivo, as legislações têm sido alteradas ao longo do tempo, em níveis estaduais e municipais.

O objetivo é estabelecer parcerias benéficas para realizadores de atividades culturais, governos e empresas. "Os produtores culturais se beneficiam com a viabilização financeira de seus projetos; os agentes públicos, por cumprirem seu papel, sem despender muitos recursos; e as organizações privadas, por meio do chamado marketing cultural, ou seja, do uso das atividades artísticas para promoção de marcas e produtos", ressalta Adriana Donato.

Para a artista plástica Isabela Prado, os benefícios para os investidores vão além da publicidade. "As empresas que se propõem a realizar ações de incentivo vinculam seu nome ao universo das artes e da cultura e, de certo modo, trazem esse universo para o contato com sua comunidade. Assim, aproximam-se das práticas e dos processos culturais que acontecem na cidade, ampliam a difusão e a divulgação dessas ações e ajudam a despertar o interesse do público com quem essas empresas dialogam mais diretamente", avalia.

REINVENÇÃO PERMANENTE

O UniBH é uma das empresas de Belo Horizonte que buscam incentivar e valorizar as manifestações culturais da cidade, por meio da Lei de Incentivo à Cultura. Em 2020, mesmo com a pandemia do novo coronavírus e a prevalência dos formatos on-line, foram apoiados 16 projetos, dentre eles, o "Entre Ruas e Rios".

De acordo com Eduardo França, diretor do campus Buritis, o UniBH está entre as instituições que mais investem nesse tipo de iniciativa na cida-

de. “Somos uma instituição de ensino preocupada com o bem-estar de nossos alunos e da comunidade como um todo”, destaca. “Isso quer dizer que estamos atentos a todos os aspectos para a manutenção da qualidade de vida das pessoas, e a fruição da cultura mineira, com certeza, é um deles. Por isso, torna-se tão urgente e importante o apoio a eventos que tanto enriquecem nossa cultura regional”, afirma Eduardo França.

Outro projeto beneficiado pelos investimentos do UniBH na cultura belo-horizontina foi o “forumdoc.bh”, evento tradicional em Minas. Em sua 24ª edição, o Fórum contemplou a exibição de 71 filmes, além de encontros, mesas, entrevistas e masterclasses. Todo o material está no canal do festival no YouTube.

A instituição também apoiou o festival “Clubbers da Esquina”, envolvendo música eletrônica, tecnologia, debates e atividades formativas. Já o Microteatro La Movida, criado em 2017, com a proposta de apresentar espetáculos em espaços de até 15 metros quadrados, reinventou-se, durante a pandemia, com a ajuda do mesmo sistema de financiamento da cultura.

Dicas de filmes sobre diálogo

VOLTAR AO SUMÁRIO

Prime vídeo

NO JORNALISMO

Em 1977, o ex-presidente norte-americano Richard Nixon concedeu uma série de entrevistas exclusivas ao britânico David Frost. Três anos após renunciar à Casa Branca, na esteira do escândalo do Watergate, o experiente e traumatizado Nixon escolheu o jovem Frost por considerá-lo uma celebridade midiática, muito mais do que um jornalista. Contudo, a inteligência, a perspicácia e o senso de humor do britânico desarmaram o plano e resultaram em diálogos muito mais reveladores e intimistas do que o ex-presidente pretendia. Centrado em tais entrevistas, o longa *Frost/Nixon (2008)* garante seu impacto e tensão na força da artilharia verbal dos protagonistas. Ron Howard (de *Uma mente brilhante* e *Apolo 13*) optou corretamente por uma direção discreta, que põe o foco na atuação magistral da dupla Michael Sheen e Frank Langella.

Adoro Cinema

NA PSICOLOGIA

Mais do que o diálogo entre dois baluartes da psicologia – Sigmund Freud e Carl Gustav Jung –, o filme *Um método perigoso* (2012) põe em confronto seus métodos e suas personalidades. Jung (interpretado por Michael Fassbender) iniciou os estudos como discípulo de Freud (vivido por Viggo Mortensen), mas, alguns anos depois, seu pensamento e sua carreira tomaram rumos bem distintos daqueles de seu mentor, no que se refere a questões como a libido, a fé e o processo de cura. A divergência atingirá o ponto de ruptura quando uma adolescente russa – diagnosticada como psicótica – torna-se paciente e amante de Jung, sem, no entanto, afastar-se dos conselhos e da proteção de Freud. Dirigido por David Cronenberg, o filme se baseia na peça britânica *The talking cure* cujo título original põe em evidência a importância do diálogo no processo psicanalítico.

Podcast Los Chicos

NA PEDAGOGIA

Lançado em 1985, *O Clube dos Cinco* já é considerado um dos grandes clássicos juvenis do cinema. Porém, em vez de mistérios ou aventuras, o filme é todo calcado no diálogo e na interação entre cinco adolescentes que, como punição por infrações diversas, são forçados a passar um sábado inteiro juntos, na biblioteca de uma escola de Ensino Médio dos Estados Unidos. Ali, os estudantes, que aparentemente pouco têm em comum, além da idade, dialogam (e discutem) sobre inúmeros assuntos, desde a escola e seus métodos até problemas familiares, esportes, amor e sexo. Escrito e dirigido por John Hughes, o Midas das comédias adolescentes dos anos 1980, o longa revela como o medo e a aversão ao diferente acabam por esconder uma série de afinidades que a escola, frequentemente, deixa de aproveitar.

Adoro Cinema

NA SAÚDE

Uma bailarina e uma toureira se acidentam e vão parar em quartos vizinhos de um mesmo hospital, ambas em coma. Ali, dois homens se encontram e vão estabelecer uma forte relação de amizade: o jornalista Marco, apaixonado pela toureira Lídia, e o enfermeiro Benigno, obcecado pela dançarina Alícia. Além da importância do diálogo que aproxima os personagens masculinos, o filme – escrito e dirigido pelo espanhol Pedro Almodóvar – sugere que o cuidado e o afeto dado a um paciente em estado de coma pode ter efeitos importantes em sua recuperação, mesmo em casos extremos, quando apenas o monólogo é possível. Não é por acaso que o título do filme é justamente *Fale com ela*. Lançado em 2002, o filme rendeu a Almodóvar o Oscar de Melhor Roteiro e o César de de Melhor Filme Europeu.

Cursos do UniBH

VOLTAR AO SUMÁRIO

ADMINISTRAÇÃO

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★★

AGRONOMIA

PROJETO AGROLAB DESENVOLVE SOLUÇÕES TECNOLÓGICAS NA ÁREA DE AGRONOMIA

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã
Unidade	Buritis

ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS

PARCERIAS COM IMPORTANTES NOMES DA TECNOLOGIA, COMO: CISCO, MICROSOFT, IBM, AWS E ORACLE

Duração	5 semestres
Titulação	Tecnólogo
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

ARQUITETURA E URBANISMO

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★

BIOMEDICINA

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★★

CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★★

CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★★

CIÊNCIAS ECONÔMICAS E DE INVESTIMENTO

PROFESSORES MESTRES E DOUTORES
MATRIZ CURRICULAR ATUALIZADA

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

DESIGN

CHANCELA DE GUSTAVO GRECO

Duração	6 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★

DESIGN DE ANIMAÇÃO CURSO NOVO

CHANCELA DE GUSTAVO GRECO

Duração	4 semestres
Titulação	Tecnólogo
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

DESIGN DE INTERIORES CURSO NOVO

CHANCELA DE GUSTAVO GRECO

Duração	4 semestres
Titulação	Tecnólogo
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

DESIGN GRÁFICO

Duração	4 semestres
Titulação	Tecnólogo
Turnos	Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★

DIREITO

PARECER FAVORÁVEL DA OAB
CHANCELA DE THALES CATTA PRETA

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★

EDUCAÇÃO FÍSICA

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Enade ★★★★★
Guia da Faculdade ★★★

ENFERMAGEM

MELHOR CURSO ENTRE AS INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE BELO HORIZONTE

Duração	9 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★★

ENGENHARIA AMBIENTAL

MELHOR CURSO ENTRE AS INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE BELO HORIZONTE

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★

ENGENHARIA CIVIL

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★

ENGENHARIA ELÉTRICA

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia do Estudante ★★★

ENGENHARIA DE MINAS

PARTICIPANTE DO PROJETO DE RECUPERAÇÃO DE ÁREA DEGRADADA EM MARIANA

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★★

ENGENHARIA MECÂNICA

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia do Estudante ★★★

ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★

ENGENHARIA QUÍMICA

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia do Estudante ★★★

FARMÁCIA

CURSO FORMULADO DENTRO DA NOVA DIRETRIZ CURRICULAR DEFINIDA PELO MEC

Duração	9 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã
Unidade	Buritis

FISIOTERAPIA

Duração	9 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★

FOTOGRAFIA

QUALIDADE RECONHECIDA COM NOTA MÁXIMA (5) PELO MEC

Duração	4 semestres
Titulação	Tecnólogo
Turnos	Noite
Unidade	Buritis

GEOLOGIA

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★

HISTÓRIA

MELHOR CURSO ENTRE AS INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE BELO HORIZONTE

Duração	8 semestres
Titulação	Licenciatura
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★★

JORNALISMO

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Enade ★★★★
Guia da Faculdade ★★★★

MEDICINA

MELHOR CURSO ENTRE AS INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE BELO HORIZONTE NA AVALIAÇÃO DO MEC

Duração	12 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Integral
Unidade	Buritis

MEDICINA VETERINÁRIA

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★

MÚSICA POPULAR E GESTÃO DE CARREIRA

CORPO DOCENTE FORMADO POR PROFISSIONAIS DA MÚSICA, GESTÃO E COMUNICAÇÃO
SHOWS E APRESENTAÇÕES MUSICAIS COMO APRENDIZADO PRÁTICO

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã
Unidade	Buritis

NATUROLOGIA

PROGRAMAS SOCIAIS DE ATENDIMENTO À COMUNIDADE

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Noite
Unidade	Buritis

NUTRIÇÃO

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★★

ODONTOLOGIA

CORPO DOCENTE QUALIFICADO, COM AMPLA EXPERIÊNCIA DE MERCADO
CLÍNICA DE ODONTOLOGIA MAIS MODERNA DE BELO HORIZONTE

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

PEDAGOGIA

Duração	8 semestres
Titulação	Licenciatura
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Avaliação do MEC ★★★★
Guia da Faculdade ★★★★

PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Enade ★★★★★
Guia da Faculdade ★★★★

PSICOLOGIA

PROGRAMAS SOCIAIS DE ATENDIMENTO À COMUNIDADE

Duração	10 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★★

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Manhã e Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

Duração	8 semestres
Titulação	Bacharelado
Turnos	Noite
Unidade	Buritis

Guia da Faculdade ★★★

VOLTAR AO SUMÁRIO

Diálogos das marcas

TEXTO Antônio Terra ILUSTRAÇÃO Ágatha Kretli

Há marcas que carregamos no corpo desde a infância. Aquelas das trombadas e traquinagens de criança são algumas delas. Há outras marcas que não saem de nosso pensamento, como a lembrança do primeiro beijo ou a beleza dos Natais de família. Como seres de cultura, são essas marcas que vão nos organizando e tecendo quem somos.

Na evolução do capital, inspirados pela marcação a ferro do gado, para distinguir propriedade, começamos a marcar produtos/serviços com algum grau de designação de insumos. Passamos por marcas que aludiram à forma de o homem ser e estar no mundo, mais ou menos felizes, até adentrarmos um tempo em que as próprias marcas se comportam como gente, para impingir, em nós, outras tantas marcas na mente e no coração.

Marca, no termo acadêmico e profissional, é multiforme – palavra, objeto, conceito, signo. Como aprendiz da área, prefiro pensá-la como ser vivo, mutável, interativa, evolutiva, capaz de participar da vida das pessoas, gerar conversas e pensar sobre o mundo. "Marcas são pessoas" é uma expressão que nos permite muitas aferições, e quanto mais pensamos, mais nos damos conta da força das relações humanas que movem as nossas comunidades.

A marca fala por seu tom de voz e por sua atitude. Fala quando cria uma indústria que respeita o meio ambiente, influencia quando lança um programa para captação e capacitação de gestores negros, interage ao nos lembrar que a máscara celebra a vida.

A marca dialoga por sua teia social e pela mídia paga. Dialoga quando convida a pensar novos bens de consumo, participa ao criar grupos de corrida nas grandes cidades, abraça quando promove cultura, educação e esporte para quem não tem. Impossível ficar imune a tantas conversas. Marca tem 1.001 utilidades: mesmo as que não são nenhuma Brastemp foram feitas para você.

VOLTAR AO SUMÁRIO

Diálogo como elemento da aprendizagem: estamos preparados?

TEXTO Flávia Andrade Almeida ILUSTRAÇÃO Ágatha Kretli

O diálogo como mecanismo de aprendizagem vem sendo discutido por educadores, incessantemente, ao longo dos tempos. A teoria de Paulo Freire traz essa reflexão de maneira revolucionária, quando propõe não só a valorização do contexto sociocultural do aluno, como base para um aprendizado eficiente, como, também, a necessidade de ensinar a partir da criação de possibilidades que permitam a construção coletiva do conhecimento.

Talvez o ponto de partida para estabelecer o diálogo esteja na maneira como o educador se posiciona. Rubens Alves, em "Conversar com quem gosta de ensinar", compara professores a jequitibás e eucaliptos, fazendo crítica ao perfil dos educadores. Os educadores eucaliptos são aqueles "enfileirados, em permanente posição de sentido, preparados para o corte, que vêm substituir as velhas árvores seculares como os jequitibás".

Refletindo sobre a brilhante comparação, apresento minhas próprias conclusões: é provável que o educador eucalipto prefira seguir a favor do vento, sem inovar na maneira de ensinar. Já o educador jequitibá, apesar da ancestralidade, tem um componente de personalidade, alma e sabedoria que o faz modificar suas ideias e concepções ao longo dos tempos.

Ser jequitibá dá trabalho e depende da mudança do posicionamento do educador. Apesar de sua robustez de conhecimento, construído ao longo dos anos, este educador reconhece a necessidade de dar abertura ao diálogo e à troca de experiências. Mas nem sempre o educador quer sair da posição de autoridade, dar abertura à escuta de diferentes opiniões e vivências.

Em 2016, fui visitar a Escola da Ponte, em Portugal, com um grupo de professores universitários, e uma cena específica me chamou a atenção. Durante a visita à escola, conduzida por dois alunos de, no máximo, 8 anos de idade, foi possível identificar a autonomia do educando em todo o processo de aprendizagem, colocando o educador apenas como mediador do conhecimento. Certo professor, estarrecido, com tudo que ouviu e viu, comentou: "Essa estratégia pode ser muito inovadora, mas não gosto da sensação de não ser o ator principal".

Respeito a opinião do professor e de todos aqueles que compartilham a mesma premissa. No entanto, acredito que precisamos evoluir na maneira de ensinar a cada dia, acompanhando a evolução tecnológica, reflexiva e conceitual. Enquanto permanecermos como caciques, coordenando uma tribo de índios (com todo respeito à cultura indígena e a sua organização estrutural, porque é possível que os caciques já tenham inovado em sua maneira de gerir a tribo), vamos formar profissionais incapazes de refletir suas práticas diárias, minando todo o potencial criativo individual e coletivo.

O medo de perder o poder do conhecimento precisa dar lugar ao diálogo aberto, à escuta e à troca de experiências. Steven Johnson, em seu livro "De onde vêm as boas ideias" (outro livro que recomendo), fala da necessidade de conectar ideias – as próprias e as alheias, as novas e as antigas –, em vez de se isolar, para que seja possível inovar.

Se o desejo do educador é formar indivíduos capazes de aplicar o aprendizado, no cotidiano, de forma criativa, inovadora e reflexiva, é preciso mudança de paradigma na maneira de ensinar e dialogar com os alunos. A abertura do diálogo no processo de aprendizado pode ser uma mola propulsora para o surgimento de novas ideias, projetos e parcerias.

VOLTAR AO SUMÁRIO

Diálogo nas coisas não ditas

TEXTO Beatriz Fernandes ILUSTRAÇÃO Ágatha Kretli

Cadeiras milimetricamente enfileiradas. Na mesa, apenas lápis e borracha. Silêncio de uma multidão de pensamentos voltados a três folhas. Era ali que meu conhecimento seria testado, não apenas daquilo que aprendi nos últimos seis meses. Uma prova básica de gramática como aquela atestaria tudo o que havia trazido em minha bagagem até chegar ali. Seria suficiente para me sustentar neste novo universo? As folhas em branco mostraram que não.

A hora de entregar minhas limitações estava chegando. Senti uma taquicardia e o choro agarrado na garganta. Me senti patética, por comparar aquele sentimento ao que senti aos seis anos, quando não conseguia, nem por decreto, escrever o bendito Z do meu nome. Lembro a professora do pré, literalmente, pegando em minha mão e me fazendo tentar mais uma vez. Mas, voltando a um passado menos distante, me vi imensamente incapaz durante aquela prova. Como uma estudante de Jornalismo poderia se dar ao luxo – ou à vergonha – de não conseguir fazer uma prova de Português?

Meus colegas de turma começaram a ir embora. Na sala, foram restando a mim, a professora, e minhas frustrações. Assinalei algumas questões, só para não passar em branco. Me levantei e fui entregar a prova, quando a professora me chamou.

– Quer salada de fruta? Tem até carambola.

O choro ainda estava cravado na garganta. Fiz que não com a cabeça e com meio sorriso amarelo. Ela continuou.

– Quem eu vou precisar xingar?

Para quem havia passado quase duas horas queimando os neurônios, vasculhando na memória alguma coisa sobre crase e acento, aquela conversa não estava fazendo sentido algum.

– Você sabe que você é uma daquelas minhas alunas que, lá na frente, eu vou ter orgulho de dizer que passou por minhas aulas, né? Então, eu preciso saber quem eu vou precisar xingar por toda essa cobrança desnecessária que você carrega.

A menina de seis anos deu um pulo dentro de mim, e não consegui mais segurar o choro. Ali, com aquela professora novamente segurando a minha mão e me ajudando a reescrever uma parte de quem eu sou, entendi a vividez do diálogo. Me apaixonei um pouco mais pela minha escolha de carreira, ao perceber que meu objeto de estudo – a comunicação – está em tudo. Me inspirei naquela profissional tão competente ao ponto de escutar o que eu não havia falado.

REVISTA ÚNICA DO UNIBH

unibh

VOLTAR AO SUMÁRIO